

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E RESPECTIVA LITERATURA

PEDRO WILLGNER PEREIRA RIBEIRO SANTOS

ESTÉTICA DO CORPO:

Ex-criação de corpos trans na poesia contemporânea brasileira

BRASÍLIA

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E RESPECTIVA LITERATURA

PEDRO WILLGNER PEREIRA RIBEIRO SANTOS

ESTÉTICA DO CORPO:

Ex-criação de corpos trans na poesia contemporânea brasileira

BRASÍLIA

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E RESPECTIVA LITERATURA

PEDRO WILLGNER PEREIRA RIBEIRO SANTOS

ESTÉTICA DO CORPO:

Ex-criação de corpos trans na poesia contemporânea brasileira

Trabalho apresentado no curso de
graduação em Letras – Português e
respectiva literatura na
Universidade de Brasília – UnB

Orientador: Prof. Dr. Piero Luis
Zanetti Eyben

BRASÍLIA

2023

Dedico este trabalho a toda a comunidade trans brasileira. Que todas as suas vozes ecoem e preencham cada vez mais as salas de aula e os corredores das universidades, salas de pesquisa, laboratórios, círculos e reuniões; e que cada vez mais dissertações como esta apresentem suas assinaturas e apontamentos

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, meu pai e irmãs: pela possibilidade e incentivo à educação, pela coragem, perseverança e confiança depositadas em mim;

À Silvana, Myrian, Vinícius e Luciana: pelo ensino e companheirismo durante 3 anos de ensino médio;

A Ariel Pheula: por mostrar o que há de mais próximo da empatia;

A Piero Eyben: pela paciência, instrução e dedicação;

À Anélia, Yuki e Leonardo: por serem a inspiração e o motor desse trabalho;

Aos amigos e amigas, a saber: Letícia, Rosália, Juliana Lisboa, Teylor, Jhon, Robert, Clara Aguiar, Larissa, Malu, Kaio, Matheus, Gabi, Wendy, Gabriela Capuano, Jade, Aline, Maria Clara e outros.as.es que cruzaram comigo. Obrigado pelo afago, carinho e tempo dedicado;

A Bruno: com amor.

RESUMO

Este trabalho, a partir de uma seleção de poemas coletados em antologias, sites eletrônicos, livros físicos, ateliês e performances, buscou propor um diálogo entre a poesia contemporânea brasileira escrita por poetas trans (independentemente de serem travestis, não-binários, mulheres trans, homens trans, agêneros ou gênero flúido); a teoria queer; conceitos da teoria literária e noções filosóficas sobre corpo (majoritariamente trabalhos produzidos após a “Desconstrução” francesa das décadas de 70-80). Tendo como parâmetro a análise dos textos, buscou-se observar como essas teorias (ou a falta delas, a partir de novas noções sobre corpo que, não necessariamente, dialoguem com as articulações feitas dentro do âmbito acadêmico e fora dele) coadunam-se com a produção literária, uma estendendo, esticando e editando a outra. Para isso, tomou-se como motor da discussão o texto *Corpus*, de Jean-Luc Nancy (apenas pela radicalidade apresentada pelo autor, que propõe rupturas com binarismos significante/significado para se pensar o corpo) a ideia de “edição de corpo” inscrita em *Experiências sobre editar um corpo*, da poeta brasileira Letícia Féres (pelo seu aproveitamento nas distenções a respeito do corpo, identidade e linguagem). Esta dissertação funciona enquanto uma introdução à discussão, podendo e devendo ser expandida e contradita, abarcando cada vez mais contribuições da comunidade trans brasileira.

Palavras-chave: poesia contemporânea, transsexualidade, teoria literária, teoria queer, “pós-estruturalismo”

SUMÁRIO

0 - OBJETIVOS	8
1 - INTRODUÇÃO	8
SEÇÃO 1 – TOM GRITO	13
2 - ÉTICA DO CORPO	14
3 - A EXPANSÃO DO CORPO – TRAÇOS DA EDIÇÃO	19
SEÇÃO 2 – ELTON PANAMBY	23
4 - A EXPERIÊNCIA QUEER/CUIÉR – PARTE I	25
5 - A EXPERIÊNCIA QUEER/CUIÉR – PARTE II	29
6 - EXPERIÊNCIA QUEER/CUIÉR – PARTE III	32
SEÇÃO 3 – TOM NÓBREGA	35
7 - UM PROJETO DE ANTOLOGIA TRANS	37
SEÇÃO 4 – CARMIN	40
SEÇÃO 5 – IKA ELOAH	42
SEÇÃO FINAL – RENÁ ZOÉ	44
8 - O QUE HÁ NOS CORPOS CIS	46
9 - MINISSEÇÃO: QUAL A ORIGEM DO CORPO	51
10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	

0 - OBJETIVOS

A seguinte dissertação tem, por objetivo, analisar, a partir de diversas contribuições na área da filosofia, sociologia e teoria *queer*, como o corpo transgênero, transsexual, travesti, agênero e não-binário vem se excrevendo na literatura brasileira, especificamente na poesia contemporânea, independentemente do veículo pelo qual é transmitida. Para isso, foram selecionados textos publicados em livros, poemas recitados em grupos de *slam* e performances.

Apesar do uso de diversas publicações teóricas a respeito do corpo, que perpassam autores.as.ies latinos.as.es, o termo “excrição” proposto por Jean-Luc Nancy será o vetor da dissertação pela possibilidade de veiculá-lo à ideia de edição de corpo (tomada de um livro da poeta Leticia Féres, abordada na seção “Crítica ao corpo cis”).

É importante ressaltar, desde o início, que não há juízo de valor a respeito “do quê” a comunidade trans deve publicar ou “sobre o quê” se deve publicar. A produção de autores.as.ies trans brasileiros.as.es passa por diversos âmbitos, e não há proposições sobre como isso deveria acontecer, ou quais barreiras deveriam ser feitas (como se houvesse uma “poética” trans com suas características pressupostas e previsíveis). Contudo, haverão sim problematizações quanto a como a Literatura, com seu cânone, afeta a produção trans no Brasil ao ponto de limitar certas temáticas ou usos de linguagem. Ademais, é crucial entender que a dissertação não dará conta de todas as publicações trans brasileiras, e que ela não fala pela população trans. Aqui, o trabalho ocorre como uma maneira de trazer a discussão para o meio acadêmico universitário, uma vez que autores.as.ies trans não são abordados.as.es, estudados.as.es ou, até mesmo, formados.as.es dentro da universidade com frequência¹

1 - INTRODUÇÃO

Defende-se, no âmbito acadêmico atual, a importância de se aproximar de culturas, povos, linhas de pensamento ou, ainda, grupos identitários diversos e diferenciados, como uma

¹ “Em 2018, uma pesquisa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) apontou que pessoas trans representavam apenas 0,1% de todas as matrículas no ensino superior público”. Trecho retirado de uma publicação no Correio Brasiliense em 28 de jun. de 2022, intitulada “Pessoas trans no ensino superior avançam, mas ainda há desafios”.

maneira de se conhecer, trabalhar, desenvolver e absorver novas maneiras de organização da “civilização”, resultando em novas formas de redirecionar esforços e produções, tendo como objetivo moldar rearranjos sociais que possibilitem saídas variadas a problemas antigos do Ocidente. No entanto, essa visão encontra desonestidades e falhas em diversos pontos, desde a noção de *Multikulti* criticada por Grada Kilomba ²; a limitação dos grupos que são constantemente analisados, restringindo-se a alguns únicos selecionados dentro dessa cultura Ocidental de cânone estrito e extremamente limitante; até o uso de pensamentos alheios apenas com o intuito de incorporá-los à cultura Ocidental (Ocidente, aqui, compreendido enquanto todo esse saber moldado nos caracteres eurocêntricos que se espalha constantemente pelas Américas, por exemplo), utilizando-os apenas e exclusivamente para responder aporias que não as desses povos roubados historicamente, expropriando fazeres e saberes... esta última noção, inclusive, explicitada por Oyèrónkẹ Oyěwùmí, em seu livro *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*, quando a autora aborda o feminismo ocidental:

[...] apesar da maravilhosa compreensão sobre a construção social do gênero, a forma como dados interculturais têm sido usados por muitas escritoras feministas enfraquece a noção de que culturas diferentes podem construir categorias sociais diferentemente. Sobretudo, se culturas diferentes necessariamente sempre constroem o gênero como o feminismo propõe que elas devam fazer, então a ideia de que o gênero é socialmente construído não se sustenta (p. 40)

Esse ideal, tido enquanto progressista no âmbito acadêmico, possui noções já criticadas nas Humanidades há um bom tempo. Exemplo seria a linha racionalista herdada da *pólis* grega, que constituiu um modo de pensar que, até hoje, constrói-se não só de valores brancos e europeus (a camada mais latente e óbvia), mas de elementos binários que geram antíteses e

² Grada Kiloma, em seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, critica a noção de *multikulti* como termo agregador e polivalente uma vez que, sua enunciação, exotiza grupos étnicos e os tira de seus contextos políticos. Utilizando de um episódio de racismo sofrido por uma de suas entrevistadas, Grada diz o seguinte: “O uso de tais argumentos ‘multikulti’ – ‘todos somos diferentes, e é isso que torna o mundo maravilhoso’ – apoia a visão da menina que deve ser, de fato, ótimo ser uma N. Aqui, as diferenças entre as pessoas estão sendo explicadas em termos estéticos, mas não em termos políticos. A garotinha aprende que “Outras/os” raciais tornam-se diferentes porque têm aparências diferentes, não porque são tratadas/os de modo diferenciado. A enunciação da diferença é construída de uma forma que supõe que grupos racializados são uma ocorrência preexistente, em vez de uma consequência do racismo. Como resultado, a menina é ensinada que pessoas sofrem discriminação porque são diferentes, quando na verdade é o contrário: as pessoas se tornam diferentes através do processo de discriminação. Kathleen não é uma N. por causa de seu corpo negro, mas ela se torna uma através de discursos racistas fixados na cor da sua pele” (p. 108)

dicotomias cujos polos debatem (dialeticamente) em prol de uma conclusão que, majoritariamente, privilegia uma “universalidade” – paradoxalmente branca, europeia, cristã, da esfera da lógica, com um saldo positivo e fechado – (essa noção, no entanto, latente mas não óbvia). A crítica à essa herança (aqui focalizada na academia, mas evidentemente não só dela) ganhou mais força e expressividade por volta do século XX, especialmente no que toca a constante necessidade de se pensar por meio de binarismos.

Os movimentos “pós-estruturalistas”³, que afetaram áreas como Filosofia, Letras e Antropologia, foram responsáveis pelo “desmembramento” de diversas dessas noções, graças a autores como Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy, que influenciaram outros como Hélène Cixous, Judith Butler e Paul Preciado (nos estudos feministas ou, ainda, *queer*). No entanto, em um movimento muito irônico até, as proposições desses autores ainda se limitam à academia europeia ou norte-americana, uma vez que levar esses diálogos para território brasileiro (não só os apontamentos, mas as críticas feitas a esses “pós-estruturalistas”) envolve um esforço de tradução, um repensar do cânone das Humanidades, um redirecionamento literário e cultural sobre o Ocidente, a reparação de outras visões de mundo de povos originários do Brasil (que permanecem silenciados de diversas maneiras, seja simbólica ou direta) que ainda parece longe de ocorrer, e outros.

Um dos tópicos recorrentemente abordados ultimamente, especialmente nos Estudos *Queer*, Antropologia, Filosofia e Ciência Política diz respeito ao que seria o “Corpo” e como este se desdobra, estrutura-se, matiza-se e é afetado. Desde a Grécia Antiga com o mito de Tirésias (no qual Tirésias, ao matar uma cobra fêmea, transforma-se em mulher e, com a mudança corporal e seu revertimento posterior, voltando a ser homem, o advinho passa a ser questionado sobre como o corpo de ambos os gêneros funciona e como se diferencia em áreas como o prazer), atravessando a literatura até os dias atuais, que ainda teima em olhar o corpo sob uma forma específica, passando às noções cartesianas na Filosofia com autores como René Descartes (com sua proposta do corpo e a *res extensa*, que dita sobre o limite do corpo) e Hegel (com seus apontamentos na “Fenomenologia do Espírito”, tratando da neutralização do ser, das diferenças sexuais e do *das sein*), percebem-se anotações que poderiam variar em suas

³ O prefixo pós- foi analisado em *Manifesto Contrasexual*, de Paul Preciado, e criticado por responder também a uma dualidade pré/pós, como se fosse um movimento cronologicamente “natural”, reiterando o esquema falocentrico em que uma noção, cronologicamente supera outra. A crítica ocorre, também, ao termo “pós-estruturalismo” em um todo, pois não há, ainda hoje, uma fuga da estrutura enquanto conceito expandido e analisado. O termo “pós-estruturalismo” será utilizado, aqui, de maneira mais didática e como contraponto ao que os estruturalistas fizeram, resumidamente.

“conclusões” sobre o que seria esse objeto de estudo tão comum, mas que acabam bebendo em fontes pré-estabelecidas ou tendo “saldos” iguais: o Corpo é uno; o Corpo é branco; o Corpo funciona por sistemas; o Corpo vai até sua extensão limitada; o Corpo é biológico; o Corpo é binário; o Corpo tem alma e carne; o Corpo é religiosamente cristão; o Corpo é parido por uma mulher... o Corpo é sempre algo, está sempre em uma lógica da presença, sempre é algo desde a Antiguidade, recebendo apenas ajustes.

No entanto, os estudos também acabam por se confrontar com barreiras: afinal, a redefinição do corpo passaria pela subjetividade também? Ao considerar o subjétil na constituição do corpo, uma requerida “ciência” se limitaria a postular apenas princípios, primeiros passos, abrindo o leque para que cada corpo se forme e se entenda por si. Isso, além de não ser a postura que as “Ciências” tomariam, acaba por fechar o corpo também em suas próprias concepções, impossível de ser alocado enquanto um objeto para análise (ao menos, é o que se faz crer). Assim, o considerar do corpo em seu contexto político e social seria uma outra alternativa para se redirecionar o olhar da corporeidade, partindo não só do que há de possível em sua edição, mas naquilo que está dado por sua materialidade e presença.

Essa alternativa, essa metodologia do corpo, apesar de considerá-lo em um aspecto necessário – uma vez que o Corpo é criado (não necessariamente pelo seu ente) dadas suas circunstâncias e sua posição –, acaba por reposicioná-lo nas noções materiais, objetivas, diretas, a partir de categorizações históricas concretas delimitadoras que não trariam algum preceito comum aos corpos (isso não seria problema caso fosse uma das noções sobre corpo dentre outras, de outras culturas; no entanto, como o Ocidente necessita de uma homogeneização dos.as.es indivíduos, há restrição do pensar do corpo para que não se fuja do seu domínio, havendo assim, a necessidade de buscar um caráter comum). Essa tomada do materialismo, no entanto, acaba por ser muito restrita em sua *práxis*, abdicando de outras noções como subjetividade, de abstrações, renegando esse lado extremamente importante na constituição do Ocidente, produzindo uma maneira única de ver o mundo; ou seja, por um caminho monista. As possibilidades dos corpos, as maneiras de abordá-lo e trabalhá-lo, ficaram restritas ao condicionamento e delimitação deste no espaço social Ocidental do séc. XIX.

Por conseguinte, temos aquele outro lado supracitado que se pauta em um caminho mais idealista, concebendo o corpo como integrante de esquemas mais abstratos, alguns quase fechados, nos quais a verdade sobre a corporeidade só seria acessível mediante mundos de ideias, metafísicas, transcendências, intelecção... Quando não há a ideia de uma construção dos sujeitos e seus corpos mediante as ideias, estas fazem parte do corpo de maneira antitética,

sendo os seres humanos formados de algo material e algo metafísico, como os já citados exemplos de corpo/alma; corpo físico/corpo divino; corpo/mente; humano/divino; sexo/gênero, e muitos outros.

Essas formulações, da maneira com que são submetidas, fazem com que se repense a impossibilidade de um acordo no qual o corpo seja visto como possível de escapar, de alguma maneira, de dualismos: ou se prende ao que há de mais tátil, direto, empírico, politicamente expresso do corpo; ou então, é denotado apenas indiretamente, pelo exterior. Ainda, pendula-se o corpo enquanto um vai-e-vem entre o Si, o próprio; e o coletivo. Afinal de contas, o corpo pode comportar a classificação de ser objeto de estudo? Se sim, até que ponto?

Suely Rolnik, em seu livro *Esferas da Insurreição*, alerta para a postura de combate na qual só se leva em conta o que há de mais explícito, o mais urgente, o violento, a indelével luta de classes na qual o corpo, mesmo buscando sair, continua marcado pelo seu naturalismo⁴ que restringe a sua identidade a um campo social e político restrito, já dado, herdado, focalizando não em outras maneiras de se perceber o corpo, mas em como está posicionado. Apesar da sua importância, da necessidade de se agir macropoliticamente, de se voltar ao lugar pela quebra do posicionamento do corpo, e repensá-lo enquanto alocável; o agir micropoliticamente, a saber, retrabalhar as maneiras de sentir, a linguagem, as ciências, é tão importante quanto: A revolução “[...] inclui e baseia-se em uma reapropriação dos meios de reprodução – reapropriação, portanto, do ‘saber-do-corpo’, da sexualidade, dos afetos, da linguagem, da imaginação e do desejo” (p. 12). Uma das maneiras de se adentrar na crítica relacionada aos modos de fazer e pensar inclui, também, buscar escapar de uma abordagem em antíteses, na qual um polo sobrepõe o outro. Ainda, urge a necessidade de também fugir de dicotomias, na qual ambos os polos são interdependentes ao ponto de consolidar, novamente, mais binarismos. “Dissolve-se aqui a oposição clássica entre teoria e prática, poética e política, representação e ação. Esse movimento não deve ser lido como um gesto de expansão dos territórios clínicos, mas como o próprio lugar onde a transformação micropolítica do inconsciente acontece” (ROLNIK, p.14). Como, então, analisar o corpo? Melhor, é necessário analisar o corpo, enquanto objeto, antes de pensá-lo eticamente?! Pensar o encontro antes da ontologia, pensar o estranhamento, a alteridade, aquilo que faz o corpo tremer e quase cair e, a partir daí, pensar por

⁴ Esse termo não é usado por Rolnik e foi acrescentado pelo autor da monografia

noções mais abstratas ou concretas? É necessário, antes de tudo então, embrenhar-se sobretudo, martelando-se nas inscrições dos corpos.

SEÇÃO 1 – TOM GRITO

¹ Eu tenho pesadelos

² todas as noites.

³ Eu tenho pesadelos e acordo

⁴ com o choro de minha mulher que não consegue dormir.

⁵ Ela pergunta se eu quero que ela tire a perna de cima de mim,

⁶ ela pergunta se eu quero que ela tire o peso de nossos ombros,

⁷ de nossos corpos cansados.

⁸ Corpos gordos, cansados, com pêlos nas axilas feias.

⁹ Feias, fadigadas, feministas e de esquerda,

¹⁰ não somos bonitas como as mulheres de direita.

¹¹ As mulheres direitas são fraquejadas e limpas e de axilas depiladas,

¹² não desminto essa informação.

¹³ Eles não entenderão que eu não sou mulher nem tampouco quero ser um homem,

¹⁴ eles jamais entenderão a escolha de ser um corpo manifesto na cidade,

¹⁵ eles jamais respeitarão nossos nomes, nossas identidades, nossas corpos gordas e grandes e sujas (...) ⁵

O pesar do corpo, a saber, o que cabe ao corpo em seu espaçamento, a sua densidade, o que seria sua materialidade, já faz marca no primeiro verso: “Eu tenho pesadelos (todas as noites)”. A palavra pesadelo, vinda do latim, é usada para dizer daquilo que pesa no sonho, o que causa uma espécie de pressão, tremulamento no inconsciente. Tom Grito retira essa particularidade do inconsciente e seu suposto resvalar na camada mais consciente (esse apontamento da fantasmagoria que o assombra) e, a partir dela, firma não só seu posicionamento enquanto corpo pesado e dissidente (o que estaria intimamente ligado à recorrência dos pesadelos, como que o resultado de suas experiências enquanto corpo não-cis ressoasse dentro de si, e se transfigurasse em pesadelos); mas também, dá destaque à marca de

⁵ VIRTUAL, Estante. *Estante Entrevista* | “A poesia contemporânea brasileira”, com o poeta Tom Grito. Youtube, 22 de nov. de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/4HiSM4Mm8K8>. Acesso em 18 de jan. de 2023. O poema que consta na dissertação foi lido pelo autor durante a entrevista, logo, não há acesso ao texto escrito. A transcrição do texto levou as pausas do autor como critério para marcar a versificação do poema. Sendo assim, por motivos de possíveis não-coincidências e erros em relação ao texto base, o *enjambement* não foi levado em consideração na hora da análise do texto.

espantografia nele: todas as noites em que se tem o sono e seu cansaço consequente, ou esse peso do ombro que nunca é retirado, esse asfixiamento da disrupção dos fluxos (tanto nos sonhos quanto no status social a partir de um corpo lésbico masculinizado que se pendula à transsexualidade não-binária masculina)... esse processo de se deixar assombrar não é o que marca sua identidade puramente, mas a sua escrita, que paralelamente marcará sua identidade. A espantografia por trazer, sim, os sulcos da nulidade; da incapacidade de se fazer entendível; da dificuldade de se nomear pela linguagem comum; de jamais se posicionar em uma posição binária firmada e lá permanecer e perecer. Esse abraço à negação se faz fantasmático justamente por não ser tomado como marca de anulamento, pessimismo ou absurdismo da identidade, podendo até dissociar-se; não, o corpo não-normativo toma sua abjeção como marca, e a partir dela dá vazão por um sistema que não o permite definição em *structu sensu*. O corpo aqui jamais é entendido, ele não tem local próprio, ele se manifesta e, abjetamente, espalha-se nos sulcos.

A manifestação do corpo, inclusive, seu estar na cidade, inclina-se aos preceitos de arealidade de Nancy (arealidade é um jogo de palavras do autor entre arealidade – aquilo correspondente à área de alguma coisa – com a-realidade – a realidade inexistente ou, ainda, uma realidade tênue, singela, frágil. Isso diz respeito aos limites do corpo, já que Nancy compreende o *corpus* como aquele em que há uma a-realidade, ou seja, um rompimento com as significações, havendo assim uma extensão do corpo; mas com uma arealidade, um limite da extensão desse corpo, o que compreende o “máximo” que a área de um corpo suporta, toca e deixa tocar), não só por seu movimento no campo do real, mas por seu limite: Tom Grito jamais toma partido enquanto agente solucionante desse terreno que lhe foi dado, jamais busca preencher todos os espaços e veredas (a enorme quantidade de “não”, “jamais”, “nem tampouco” e “jamais” que aparece não é solucionada ou leva contrapartes) suplementando e acolchoando-os. A poesia não responde a tudo, não resolve tudo; o cansaço que o casal sofre permanece angustiante. O corpo aqui, então, toma a sua impureza, sua impropriedade (*impropre*, do francês, dizendo o impróprio e o não-limpo) enquanto corpa suja, e daí monta a sua assinatura, pensa sua assinatura, sua inscrição.

2 - A ÉTICA DO CORPO

Antes de prosseguir, é importante abrir um parênteses aqui no que concerne à instituição “Universidade”. Os apontamentos feitos dizem respeito não à uma desestruturação do ambiente

acadêmico ou, ainda, uma noção que pensa caber às universidades toda a culpa perante a discussão sobre cultura e cânone. No entanto, é também necessário se voltar ao que não está sendo observado, para que o ambiente acadêmico, sendo um dos únicos com força suficiente, saiba elencar pontos igualmente importantes no campo do saber e do sentir. A “Universidade”, o *locus* de ensino de uma cultura e de maneiras de fazer, não deveria se dizer plural a partir de noções conhecidas como mundiais, ou ainda... universais. Ao longo dos anos observou-se avanços graças a políticas públicas que auxiliaram em reparar erros antigos, desde a preocupação com o ingresso e a permanência no ambiente (algo previsto, por exemplo, como direito de todo cidadão quando se trata de educação), assim como na ampliação da comunidade discente, tornando-a mais variada pela inclusão de grupos minorizados. No entanto, como responder efetivamente à cultura ensinada (e a não ensinada)? Há algo mais que possa ser feito pelas Humanidades? A bibliografia, as ementas, a técnica ensinada, o aparato utilizado, ainda dizem respeito ou se fazem valer enquanto resposta às questões lançadas? O que sairá de Universidade e que poderá fazer tremer, vibrar, como entropicamente, o cotidiano alheio?

Não é por um acaso que, atualmente, as noções sobre o que seriam “Corpo”, identidade, expressão, fronteiras, Estado, conhecimento, lógica, e outros conceitos, entendidos até então como compreendidos em sua desenvoltura, vêm sendo desmontadas com o intuito de serem reestruturadas (ou melhor, postas em um estado trêmulo, entrópico, em constante dúvida, uma vez que reestruturar poderia pressupor uma nova estrutura que, cristalizada, fecharia o pensar novamente em um “fazer” regulatório). O Corpo, esse objeto de entendimento comum, mesmo de difícil explicação, ganha destaque nas discussões com as críticas à biologia e à lógica cartesiana, a partir de estudos feministas, *queer* e não-ocidentais: “O tão falado dualismo cartesiano era apenas uma afirmação de uma tradição na qual o corpo era visto como uma armadilha da qual qualquer pessoa racional deveria escapar” (LORBER *apud* OYĚWÙMÍ, p. 30). Essa armadilha, a dizer, essa arapuca na qual o Corpo (com letra maiúscula mesmo, corpo como ideia comum, mas corpo próprio e unificado de cada pessoa) seria aquilo que se estende até as beiras da materialidade corporal, sendo também uma contraparte à uma entidade metafísica (seja a alma, o espírito, a mente...); podendo até mesmo ser entendido como algo que existe dicotomicamente com a metafísica (como entendido por Spinoza em sua *Ética*, em 1677, tomando paralelismos), tem implicações que o tomam como: dado pela natureza; limitado em sua beira; retirado do contexto social, tendo a figura do Outro como inoperante em sua formação; presente em uma lógica da presença, sempre estando agora, no tempo, fixado (o corpo é algo), ou agindo como um órgão dentro de um sistema (o corpo na interdependência

funcional). Há ainda abordagens que, quando não apontam o corpo como sendo binário e divisível, puxa seu entendimento para uma dessas partes.

O entendimento do corpo como integrante de um sistema, apesar de trazê-lo ao debate enquanto componente sociopolítico, o reduz a funções e atividades específicas. Isso acaba dizendo respeito não a um local do corpo, mas a uma posição no corpo, ou melhor um posicionamento do corpo. Antonin Artaud, escritor francês, já trazia no séc. XX sua crítica intensa ao corpo pontuado no âmbito social, compreendido anatomicamente como limitado, tendo margens; socialmente como alocado de maneiras específicas; biologicamente, como fisiológico, tendo mini-operações nele que formam um sistema com início, meio, e fins, objetivos já dados pela natureza e linguagem [e tido como naturais e inquestionáveis]):

Na obra *Pour en finir avec le jugement de Dieu*, Antonin Artaud lança seu combate ferrenho contra os órgãos e o organismo como parasitas inimigos do corpo, de um corpo fragmentado em órgãos, organizado em organismo, reduzido à sua dimensão médico-legal, facilitando assim seu controle pelas autoridades médicas e jurídicas, componentes das tais 'forças obscuras' que condenam o ser à vida em morte (CAVALCANTE, p. 237)

Essa ruptura com a ordem lógica, com os nervos⁶, é também um adendo, não explicitado por Artaud em seu texto *Description d'un état physique*, presente em seu texto *L'ombilic des limbes*, em relação à linguagem. Artaud sabia a respeito do idioma francês, da Língua, da Literatura, como aparato regulatório do corpo, uma vez que possuía seus limites na possibilidade de expressar o corpo. A linguagem jamais seria suficiente para dizer o corpo, os sentidos, os sentimentos, não em sua completude (a possibilidade de um *corpus* completo, também, é impossível já que não há possibilidade de encher um corpo até suas bordas; além de que acaba se pressupondo uma falta inerente do corpo, criando assim mais um dualismo, mais uma antítese. É preciso dar cabo da antítese do corpo que tanto o posiciona), logo, há a necessidade de se estender o idioma francês (o idioma do autor; na dissertação e no contexto brasileiro, o português) o máximo que puder, para que se possa imaginar outras noções acerca dos bordos, do funcionamento do corpo:

O poeta deixa claro, porém, que é exatamente no momento em que busca dizer o que lhe vai no mais íntimo, 'numa certa forma de espaço', quando busca expressar 'um pensamento INTERIOR', é exatamente aí que a língua falta.

⁶ "Une espèce de rupture intérieure de la correspondance de tous les nerfs" (ARTAUD, p. 14)

Mas essa expressão vai findar por tornar-se possível pela escuta de si, pela escuta de sua minúcia – ‘considero-me pormenorizado’ –, pela escavação de seus buracos, pelo perscrutar de suas fendas, ali onde a língua se encontra ‘em desordem assombrosa nas suas relações com o pensamento’, naqueles ‘recantos de perda’, mas ali e só ali onde a palavra da língua outra pode surgir, onde da impossibilidade nasce a possibilidade e, assim, essa escuta se corporifica em texto, e o texto estende o corpo até o limite do exprimível (CAVALCANTE, p. 236)

É graças a desvios de pensamento como esses que se deve questionar como a edição corpórea, como a identidade, como a linguagem, como o discurso vem se articulando em território brasileiro, buscando suas especificidades. Nota-se que, aqui, não se busca uma transposição das noções artaudianas para o Brasil com se fosse regra que, aqui, produzam-se edições tais quais as do escritor francês; ou ainda, que se faça um levantamento qualitativo ou quantitativo da influência de Artaud. A citação vem para que se ilustre a importância de se repensar o corpo e, a partir dela, iniciar a investigação sobre como a linguagem vem sendo usada aqui.

Essa tomada de consciência a respeito dos discursos (ou melhor, a respeito dos enunciados) e suas implicações e consequências já vem sendo circunscrita há muito tempo, seja especificamente para falar sobre o corpo ou não. Atualmente visto como um artifício de controle, a linguagem é reconhecida por alguns pensadores enquanto uma ferramenta regulatória dos entes, já que a linguagem também foi controlada em suas articulações ao longo dos anos por proposições na oralidade e retórica. Questionamentos sobre a voz, por exemplo, foram trazidos por Anne Carson em seu capítulo *The Gender of Sound*, presente no seu livro *Glass, Irony and God*, a partir de um traço pela história dos costumes gregos que delimitavam como homens – ou seja, os cidadãos, desde que cumpridas algumas especificidades – deveriam falar, em comparação à mulheres e os homens afeminados, que produziam um discurso longe da benquista retórica, cuja uma das exigências para ser bem empreendida, era ser vocalizada gravemente. Os corpos Outros, os femininos, os anormais, os dissidentes, produziam “ruídos”, gritos, grunhidos, já que ou não respeitavam as noções de retórica filosófica articulada e regulada, ou porque não possuíam as noções biológicas adequadas à alguém com trabalho em retórica (a saber, entendia-se que os homens possuíam a voz mais grossa, baixa na garganta, devido ao peso do escroto; enquanto as mulheres, por falta dessa marca, estando no outro polo do dimorfismo sexual, jamais seriam capazes de discursar eloquentemente).

Quando se parte desse histórico, torna-se óbvio o uso da linguagem (neste caso, pela língua falada oralmente) como aparelho que define o enunciado “correto”; a articulação

“correta”; o corpo “correto” e suas margens. A margem nos corpos, inscritas ao longo dos séculos; as marcas de diferença dos corpos; os tipos de corpos; seus funcionamentos e funcionalidades, vão sendo delimitados na medida em que desencadeiam e reiteram normas, selecionando o que pode ser pronunciado e reproduzível pelo ente, marcando-o enquanto sujeito ou indivíduo integrante de um corpo social maior:

Conforme analisou Foucault (1985), nas sociedades modernas se confessam os sentimentos, teoriza-se sobre a fome, inventa-se uma ciência dos corpos, das condutas, do sexo, ao mesmo tempo em que se submete um conjunto de coisas ditas, e até as silenciadas, a procedimentos de controle, de seleção e de circulação, que atuam como polícias do discurso” (BENTO, p. 60, grifo meu)

Então, a partir de todas essas noções, é necessário não só um repensar do “Corpo”, mas a maneira pela qual se pode apoderar da linguagem, das Ciências, da representação na linguagem, dos sexos e dos gêneros; apoderar-se dos mesmos instrumentos e retrabalhá-los de maneira que pontua sua participação na formação dos corpos; para não centralizar a discussão criando um grupo oposto, posicionado, em contraponto, identitário em sua bolha, mas buscando extrapolar os limites do idioma, da Filosofia, das Ciências Políticas, em um jogo que não penda a lógica para um lado A ou B (ou ainda, que nem se valha exclusivamente da lógica, não como ela é concebida), mas que se edite o possível, mescle-se o possível (materialismo e idealismo não como antíteses, nem dicotomias; mas duplas dimensões, com entradas de ar para diversos lados. Um pensamento em túneis, com diversas manobras de ar, pelos quais se passa as afecções e os ecos mais entrópicos permaneçam; pensar, sempre, buscando fuga dos binarismos e maniqueísmos). Esse rearranjo, essa possibilidade de abertura, não é válida apenas enquanto experimentação teórica, mas como norteadora para que se estabeleçam novas relações quanto ao Eu e ao Outro também: a fuga da figura do Eu enquanto una, fechada, completa, e dependente do Outro como corpo estranho, exterior, intransponível. Quer dizer, a intransponibilidade do corpo do Outro persiste, mas nada se impede que o convite, o toque da fronteira entre seus corpos (físicos ou não) ocorra. Propor um adiamento da antologia, ou uma nova concepção de antologia, e começar a atuar e imaginar pela ética (do corpo), pelo caminho expansão e condensação que direciona os afetos, o saber de si, a incompletude possível, feita em confraria.

É graças a esses apontamentos que a literatura propõe novos meios para se imaginar, se ficcionalizar o corpo, roteirizá-lo e craquelá-lo o quão possível, permitindo-o se contorcer em

cada situação viável e segura para as partes. É utilizar da micropolítica somada à macropolítica, e abrir trilhas textuais às vozes que já estão produzindo essas disrupções, com seus nomes estampados para serem chamados em alto e bom ruído, mas sem o risco de colocar esses grupos como a alteridade do “normal”, com o cuidado para evitar que “enquanto brigam pelo seu reconhecimento na esfera pública, [não] tendem a normatizar o sujeito que querem liberar” (PRECIADO, 2018, p. 9).

3 - A EXPANSÃO DO CORPO – TRAÇOS DA EDIÇÃO

Na introdução desta tese consta Letícia Féres enquanto inspiração para a temática, e há um motivo. As leituras feitas referente a mudanças corpóreas, muito publicadas por autores.as.ies cis, não pareciam dar conta das proposições e do pensar a respeito do fazer-corpo. Pensar o caminho de escritores.as.ies trans – o foco do trabalho – como transição, apesar de demarcar bem o caminho percorrido que essas pessoas experienciam, tira o foco do movimento que um corpo pode fazer, muitas vezes esperando já uma conclusão ou uma finalidade, o posicionando de um polo a outro (como se saísse de um ponto A a um ponto B). Por isso, é importante observar a diferenciação que se faz, aqui, da ideia de posicionamento: compreende-se o posicionar enquanto uma ação que tira um objeto de um ponto delimitado, demarcado, e o insere em outro, circunscrito. Apesar do fato de o corpo trans, de fato se deslocar socialmente falando de um ponto a outro (e ser justamente essa dissidência o que o explicita como abjeto), a identidade está para além de um movimento $A \rightarrow B$. Além de não se considerar pensar o que seriam de fato essas posições, já dadas e lançadas enquanto naturais; o corpo nunca se fecha quando é aberto para estudo e reflexão. Não há completude do corpo (e não se pode pressupor uma falta também. O corpo apenas tem possibilidades de trânsito), ele é editável. A palavra “transição” dá conta do jogo social no qual o corpo é inserido, isto é, como o Estado o vê; no entanto, a sua inscrição e capacidade de se articular é mais do que um deslocamento pura e friamente reto de $A \rightarrow B$. Até o corpo trans mais binarista possível, mais próximo de B, pode não ser lido como B, sendo sempre reiterado enquanto A. O corpo, aqui na dissertação, então, é tratado enquanto entrópico, balança em sua maneira de ser lido e expresso; ou no mínimo está em ectopia, ocupado locações distintas ao mesmo tempo (e aqui, o termo locação denota um *locus* possível de trânsito, pelo qual se pode visitar; em contraponto a posições). Por isso, Féres traz um bom uso da palavra edição para falar do corpo.

Algumas notas sobre o transmutar do corpo já foram feitas ao longo dos anos. Donna Haraway, por exemplo, utilizou do capitalismo tardio para abordar a dinâmica do circuito corpo/máquina e criar a figura do ciborgue dentro do contexto feminista do séc. XX. As formulações de Haraway funcionam enquanto uma maneira de se pensar o corpo em seus diferentes estados, em seus diferentes modos de sentir e ser afetado. Essa fusão da carne e do metal, da concepção de uma linguagem virtual que experimente mais dos dizeres, da mulher e do “ciberfeminismo” se mostra interessante por inscrever o corpo por intermédio de aclopagens, por acréscimos, por uma remodelação explicitamente heterogênea que “coloca em xeque a originalidade do humano” (HARAWAY *apud* TADEU), a saber, o caráter superior hierarquicamente à natureza.

A linguagem do ciborgue, o comunicar, necessariamente feito de ruídos, reitera Carson e à *ololyga* grega, o dizer por sons indiscriminados, confusos, não-lógicos, o discurso “sem pé nem cabeça” (NANCY, p. 14) que não tem suporte pensado:

A escrita é, preeminentemente, a tecnologia dos ciborgues – superfícies gravadas do final do século XX. A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita – o dogma central do falocentrismo. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina. São esses acoplamentos que tornam o Homem e a Mulher extremamente problemáticos, subvertendo a estrutura do desejo, essa força que se imagina como sendo a que gera a linguagem e o gênero, subvertendo assim, a estrutura e os modos de reprodução da identidade ‘ocidental’, da natureza e da cultura, do espelho e do olho, do escravo e do senhor (HARAWAY, p. 88-89, grifo meu)

Possivelmente uma das abordagens mais emblemáticas quanto ao corpo e sua inscrição, ou ainda, a quebra dos limites do corpo, antevendo a possibilidade de uma escrituração, seria a ontologia deleuziana. Não uma “própria ontologia” (nem antologia do próprio), mas a virtualização dos corpos e dos entes a partir da crítica ao limítrofe do Corpo enquanto uma constituição já dada. Com a série *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari propõem o “corpo sem órgãos” (o CsO) enquanto projeto de experimentação, levando os perceptos e afetos⁷ como ferramentas

⁷ “Segundo Deleuze e Guattari, os perceptos e os afectos são mais que experiências da percepção e dos sentimentos daqueles que os experimentam. Eles são seres autônomos capazes de fazer qualquer um que esteja diante deles sentir a força que possuem” (ANDRADE, p. 159)

importantes que veiculam intensidades (CAVALCANTE, p. 239), que povoam, circulam, rearticulam o corpo em sua economia (chamadas de “agenciamento das intensidades” por Cavalcante). Os platôs, pedaços de imanência do corpo, regiões de acesso, comunicam com outros platôs de outros CsO’s, em um sistema de desejo que motivaria esse “projeto corporal, sem teleologia” que o CsO expressa (já que nunca de chega ao CsO de fato): a possibilidade de, finalmente, abordar os fluxos que tremulam no corpo⁸ antes de qualquer apontamento sobre Eu/Outro; dentro/fora; interior/posterior; inaugurando uma nova possibilidade de se pensar o corpo fora de sistemas fechados, e trazer movimento em sua articulação e edição, além de, ainda, reiterar as críticas à significância, à busca de interpretar tudo sempre como objeto e classificá-lo. Maggie Nelson, em seu romance *Argonautas*, comenta sobre essa proposta de experimentação, pela qual redes seriam formadas entres as pessoas, criando ramificações e novos brotos, como em rizomas vegetais: “Cessam de existir as máquinas binárias: pergunta-resposta, masculino-feminino, homem-animal, etc. Isso poderia ser o que é uma conversa – simplesmente o traçado de um devir” (DELEUZE; PARNET *apud* NELSON p. 11). E ainda: “Deleuze e Guattari chamam o ‘voo da transitividade’ pelo qual as identidades passam como *Devir: devir-animal, devir-mulher, devir-molecular, devir-corpo*. Um devir que funciona como movimento, deslocamento, retorno, perpassar” (NELSON, p. 61)

O esquema dos platôs do CsO, com suas implicações, infelizmente acaba por esbarrar com a subjetivação, que entra em conflito uma vez que, autoras como Grada Kilomba, enfatizam sua importância na identidade dos entes; enquanto que, em contrapartida, Deleuze e Guattari, entendem a subjetividade como um estrato que controla o CsO:

Ao conjunto de estratos, o CsO opõe a desarticulação (ou as *n* articulações) como propriedade do plano de consistência, a experimentação como operação sobre este plano (nada de significante, não interprete nunca!), o nomadismo como movimento (inclusive no mesmo lugar, ande, não pare de andar, viagem imóvel, dessubjetivação) (DELEUZE; GUATTARI; p. 19)

⁸ No prefácio da *Antropologia Ciborgue*, de Donna Haraway, a edição em português traz uma seção escrita por Tomaz Tadeu, em que Deleuze e Guattari são citados. Diz-se que: “O mundo não seria construído, então, de unidades (‘sujeitos’), de onde partiriam as ações sobre outras unidades, mas, inversamente, de correntes e circuitos que encontram aquelas unidades em sua passagem. Primários são os fluxos e as intensidades, relativamente aos quais os indivíduos e ao sujeitos são secundários, subsidiários” (pág. 14)

Somado essa fuga da subjetivação que (é também experimental e obrigatoriamente articulada pelo CsO, que não visa rejeitá-la, mas desarticulá-la) é importante enquanto critério de liberação do projeto CsO – mas que não responde urgentemente às necessidades de controle do corpo pelo cânone Ocidental –, há a crítica de Margarida Gandara Rauen em seu ensaio *Poéticas participativas e a escritura da escritura in progress*, no qual a metáfora do rizoma é destrinchada pela autora, mostrando uma ótima crítica à noção de origem de vegetais que acaba esbarrando com algumas limitações do modelo CsO (que, apesar de não anular o projeto, não responde a outros pontos importantes que criariam pontos vazios na crítica – e a noção de vazio poderia pressupor, de novo, a possibilidade de uma completude, uma inteireza). Não se pensa, aqui, que deveria haver um planejamento do corpo que dê conta de tudo, obviamente. O trabalho, o dever de casa, é apenas dizer como as discussões estão se articulando, e manter o ímpeto que busca por algo cada vez mais escorregadio, escapando à linguagem e suas metaforizações e dicotomias:

A imagem do rizoma apropriada como metáfora constitui um nó, preso à representação do acontecimento caótico de contaminação, desterritorialização e proliferação, sem alcançar a diversidade resultante da participação de múltiplos sujeitos. Cabe questionar o que seriam arte rizomática, abordagem rizomática, processo rizomático, processo rizomático. Certamente, são ações de invasão e ocupação nômade, mas a associação com rizoma é equivocada porque rizoma é clone, estrutura que repete um padrão genético (ANDRADE, p. 144)

Com isso, é notório que movimentos referentes à edição de corpo ocorrem há um tempo, mas que sempre se esbarra com algum ponto que impossibilita um desvio suficiente ao fazer-pensar Ocidental. Margie Rauen enfatiza a importância do caráter relacional quando discursa sobre a performance contemporânea, e muito disso de fato se encontra no CsO; mas, como a própria autora também diz: “Quando Derrida publicou *A escritura e a diferença*, nos anos 1960, ele ainda não reconhecera uma revolução que realmente tivesse rompido com a estrutura de representação” (p. 136). Haveria, então, alguma possibilidade de se fugir de todo o sistema carnofalologofonocentrista trazido de Derrida, que delimita tudo ao redor? Haveria alguma articulação possível para se fugir da linguagem ou utilizá-la de outro modo que produza edições de corpos que funcionem ou respondam adequadamente? O local da imaginação, do corpo sensível, da tremulação, seria uma vereda sem fim, visível, proporcionando a “esses corpos que punham-se ao limite, sob aquela linha tênue como numa certa faixa de azul no céu,

que chega a tocar um outro tom, e não se mistura a ele” (ANDRADE, p. 156)? Ou restaria, enfim, o corpo como algo utópico, assombrado pela morte, sem lugar no mundo (FOUCAULT, 2013), pendulando-se a noções mais metafísicas e incertas, apenas abertamente irrealizável?

SEÇÃO 2 – ELTON PANAMBY

¹ In

² Cor

³ Poro

⁴ A

⁵ Lem

⁶ Bro

⁷ O corpo se desesquece quando baia, quando recebe, coabita, serpenteia no tempo

⁸ É de sonhar tantas vezes... aquele toque de cobra

⁹ Toque de palma sobre couro

¹⁰ Toque de encanto sobre ori

¹¹ Toque de língua sobre palavra

¹² Desatar

¹³ Como nascer reparado, repartido, parida ao meio a lambida

¹⁴ Para falar em idiomas ofídicos

¹⁵ Restituir o anfíbio, o réptil, à falida categoria humana

¹⁶ Isso não nos pertence

¹⁷ Isso não nos detém

¹⁸ A humanidade é muito pouco

¹⁹ O corpo pede existires deslizantes

²⁰ Escapa num roupante e se chega meu velho

²¹ Vem e baia no giro daomeano

²² As línguas estão amoladas

²³ E como pexeiras desembainhadas, rasgam o sentido desses destempos mortificados e nutrem a terra ardida

²⁴ Troca de pele e cria escamas

²⁵ Oferenda-se

²⁶ Oferendo-me

²⁷ Corpo d'água

²⁸ Soro e veneno

²⁹ Beba essas palavras... (PANAMBY, 2020, p. 10-13)

De antemão observa-se no poema de Panamby a recorrência do uso do prefixo des- e a constante tomada de elementos ofídicos. A tomada desses elementos referentes à serpente e sua simbologia, claro, abordam a interconexão da religiosidade yorubá pela figura de Oxumarê e sua transitividade mediante seu fluxo pelo campo masculino e o feminino, sem se firmar em nenhum dos polos binários, podendo possuir ainda a forma de uma cobra. A serpente, notadamente interpretada e cristalizada enquanto uma figura de passagem de tempo, de artilosidade ou, ainda, de traição por diversas culturas, é trazida à tona por seu vínculo à generidade por religiões de matriz africana, e disso Panamby tira sua sintaxe.

Já nas duas primeiras estrofes é possível observar um jogo de abertura e fechamento interessante das vogais a partir da análise de suas sílabas tônicas, com uma descida da mandíbula pelo *in* → *cor* → *poro* (respectivamente *i* → *o* → *o*), que progride para um fechamento da mandíbula através de *a* → *lem* → *bro* (respectivamente *a* → *ẽ* → *o*). Importante se voltar ao verso “lem”, único isolado pela tipografia, contendo uma vogal média que reside no meio de dois polos (o que será melhor visto no poema de Ika Eloah).

O uso do prefixo des-, marcando ações como negação e separação é o escolhido mediante sua possibilidade de trabalho. No verso 7, seu uso enquanto “desesquece” marca essa *aletheia* grega em um movimento de desvelamento da verdade do corpo a partir do contato e da instabilidade do serpentear. Essa ideia de *aletheia* reformulada por Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (1927), apesar das controversas do autor, abre um leque para que se repense a verdade de maneira não tão objetiva e, aqui, por Panamby como um trabalho sobre o corpo de maneira conjunta. É disso que trata Agamben ao dizer da verdade:

Nietzsche tentou escapar a esse pensamento pela ideia do termo retorno, pelo sim dito ao instante mais atroz, quando a verdade parece fechar-se para sempre num mundo de coisas. O eterno retorno é, de fato, uma última coisa, mas ao mesmo tempo também a impossibilidade de uma última coisa: a eterna repetição do fechamento da verdade num estado de coisas é, enquanto repetição, também a impossibilidade desse fechamento (p. 46)

Essa noção de retorno, de não fechamento, é um dos aproveitamentos da serpente, desse ouroboros que toma o tempo de maneira cíclica. No entanto, esse ciclismo também se dispensa, é como que cortado por “[...] pexeiras desembainhadas” que “rasgam o sentido desses

destempos mortificados...”. Não à toa, essa *diasparagmos* do tempo e do corpo pela volta constante de fonemas [s], [p] e [r] ao longo do poema, que possibilitam tanto a palavra “repetição” quanto “serpente”. As línguas, “estão afiadas”; e o corpo, pede “existires deslizantes.

4 - A EXPERIÊNCIA QUEER/CUIÉR – PARTE I

O local da imaginação, apontado anteriormente, é de importância não só por Rolnik, mas por ser esse o campo que vem resvalando em muitas conclusões referentes ao pensamento sobre o Corpo e suas alterações. Mesmo que se vague dentre diversas reflexões e postulações, tendo variados “saldos” ou, ainda, finalizações positivas – tão comuns à dialética –, o campo do imaginário sempre resvala por sua maneira mais efetiva de lidar com a identidade. Resvala não só por se acreditar que é por meio dele que se pode insurgir desmembramentos e combinações, mas por ser um dos veículos pelo qual a criatividade e a linguagem operam de modo diferente do ordenado. Não é por acaso que Haraway alerta a necessidade de se voltar à imaginação no meio desses dualismos e binarismos, que tanto a põem de lado “[...] a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteira. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteira são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação” (p. 37).

O projeto de marginalização da imaginação, ou ainda, de sua quebra ou secundarismo na atuação produtiva, essa tomada de seus domínios e coproduções, aconteceu por um viés Ocidental que, não só criou, como controlou o campo da reprodução e da reprodução, tomado de uma ontologia pautada na divisão dos entes a partir do sexo biológico, definindo gêneros, construindo em seguida a heterossexualidade compulsória, exigindo posteriormente não só um cercamento de quem se deve estar com nas relações, mas como se expressar:

Se o gênero é uma construção social, então devemos examinar os vários locais culturais/arquitetônicos onde foi construído, e devemos reconhecer que vários atores localizados (agregados, grupos, partes interessadas) faziam parte da construção. Devemos ainda reconhecer que, se o gênero é uma construção social, então houve um tempo específico (em diferentes locais culturais/arquitetônicos) em que foi “construído” e, portanto, um tempo antes do qual não o foi. Desse modo, o gênero, sendo uma construção social, é também um fenômeno histórico e cultural. Consequentemente, é lógico supor que, em algumas

sociedades, a construção de gênero não precise ter existido (OYĚWÙMÍ, p. 39)

Ou ainda:

As idealizações dos gêneros estabelecerão os domínios da masculinidade e da feminilidade apropriados e impróprios e estarão fundamentadas no dimorfismo ideal e na complementariedade heterossexual dos corpos. Dessa forma, o dimorfismo, a heterossexualidade, e as idealizações serão as bases que constituirão o que Butler designou ‘normas de gênero’ e terão como finalidade estabelecer o que será ou não inteligivelmente humano, o que será ou não considerado ‘real’, delimitando o campo ontológico no qual se pode conferir aos corpos expressão legítima” (BENTO, p. 34)

Com isso, tem-se que:

Sexo biológico é o motor da diferença sexual → define-se gênero por meio de um binarismo → espera-se que cada gênero tenha uma sexualidade específica, heterossexual, com viés reprodutivo → constrói-se uma norma pela linguagem que diga o comportamento dos entes nesses binômios (Este caminho não necessariamente foi feito de maneira linear-evolutiva, sendo na realidade, acimentado por blocos que se mesclaram e ocorreram ao mesmo tempo. No entanto, postos da maneira em que estão escritos, a comunidade T seria aquela que mais se aproxima do início da trilha, mais próxima de questionar um tido princípio social)

O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas (PRECIADO, p. 25)

Essas divisões, a categorização do mundo, exige um ordenamento em que cada desvio tem de ser não só apontado, como também posto em situação de objeto. É a partir disso que se constrói, por exemplo, uma dinâmica em que o Eu e o Outro se formam tomando o Outro como abjeto. O lançar do corpo, a saber, o jétil do corpo, faz-se por dependência do Outro, que delimita o que o Eu não deve ser mas, ao mesmo tempo, visa reduzir a expressividade,

participação e coadunação do Outro no enunciado por este ser tido enquanto uma ameaça: “Strangely, the foreigner lives within us: he is the hidden face of our identity, the space that wrecks our abode, the time in which understanding and affinity founder. By recognizing him within ourselves, we are spared detesting him in himself” (KRISTEVA, p. 1). Aqui, ou se entende uma dicotomia, ou se entende uma antítese dos corpos.

Com isso, as ciências continuam se criando ao longo dos séculos, e as psi- (psicologia, psiquiatria e psicanálise), por exemplo, acabam por reproduzir ideias em que se busca uma retomada ao comportamento “normal”, “cosmológico”, “ordenado”: “As travestis, as *drag queens*, os *gays*, as lésbicas, os *drag kings*, os/as transexuais têm sido objeto de estudo e intervenção de um saber que se orienta pela medicalização das condutas” (BENTO, p. 22). Paul Preciado, no prefácio de *Esferas da Insurreição*, diz que, segundo Rolnik, a psicologia “pertence ao dispositivo colonial-capitalístico: nasceu historicamente como uma narrativa e uma técnica que legitimava e naturalizava os modos dominantes de subjetivação. A psicologia do eu é nada mais e nada menos que a ciência do inconsciente colonial-capitalístico, e suas práticas, aparentemente terapêuticas, não são senão sofisticados dispositivos micropolíticos reativos” (p. 13). A psicanálise, enquanto área que trataria do inconsciente, por exemplo, acaba também se moldando (ao menos com Freud) pela narrativa de Édipo, entendida como uma tragédia universal por excelência, e a partir daí tentando trabalhar seus pacientes. As supostas neutralidades das ciências se mostram paulatinamente direcionadas a uma concepção de normalidade e realocação dos corpos.

É neste cenário em que Butler irá atuar, trazendo a crítica à reprodução de atos de linguagem enquanto metodologia para se imaginar identidades, tomando a citacionalidade derridiana⁹. É a partir disso que se deu um enorme palco às diversas tessituras da performance e das identidades, tendo o corpo *queer* enquanto um modelo que contesta os pressupostos acima, de alguma maneira.

Os corpos *queer*, ou ainda, cuíer/cuír, seriam aqueles que não respondem, de alguma maneira, às delimitações dos corpos, indo contra a heterossexualidade, ou à cisgeneridade, ou ainda, aos comportamentos e linguagens previstas como consequência do dimorfismo sexual.

⁹ "Com a fórmula 'a escrita é repetível', Derrida (1991) enfatiza os processos de produção das identidades. O que caracteriza a escrita é precisamente o fato de que, para que funcione como tal, uma mensagem escrita precisa ser reconhecível e legível na ausência de quem a escreveu e, na verdade, até mesmo na ausência de seu suposto destinatário, conferindo-lhe um caráter de independência. É nesse sentido que Derrida dirá que a escrita é repetível. A essa capacidade de repetição da linguagem e da escrita, Derrida chama citacionalidade, podendo ser retirada de um determinado contexto e inserido em outro" (BENTO, pág. 91)

Pessoas T (maneira de incluir todas as possibilidades de ser trans) são inscritas pela linguagem como as que, mais explicitamente, dentro dos binarismos, contestam essas noções normativas no que tange o campo do gênero, questionando de alguma maneira a identidade que lhes foi atribuída (e esse questionamento, ao ser identificado, posiciona suas identidades como objetos-objetos, duplamente lançados a campos fora do cognoscível – ou ainda, dentro do cognoscível, porém, como modulação a não ser seguida, a serviço da validação do Eu que performaria, comportaria e corporificaria a norma social). A transsexualidade, em toda a sua expressão, vem ganhando mais reconhecimento no meio acadêmico graças, justamente, à essa suposta herança erudita da Universidade de se questionar e trabalhar a sociedade na qual se insere, buscando (re)soluções e indagações a comportamentos instaurados. Exemplo desses debates adviram dos estudos feministas, que tomaram cada vez mais força no séc. XX conforme a adesão feminina ocorria, questionando a monopolização do fazer e saber erudito apenas pelo viés masculinista virilista. O que surpreende, contudo, é a constante relutância em se aceitar produções ou questionamentos vindos de pessoas T, grupo marginalizado assim como o feminino (no que concerne a representação, a possibilidade de ir e vir, de se localizar enquanto cidadã...). Há, não só uma incognoscibilidade rente pessoas trans, que as tomam enquanto incapazes de estar nesses espaços (vide pesquisas que mostram o percentual de participação e inserção dessas pessoas dentro da Universidade); quanto, ainda, reitera-se uma narrativa de apagamento e radicalização de seus comportamentos e experiências, lidas não só como inexistentes e irrelevantes, como também, perigosas e danosas.

Perde-se bastante pela falta desses grupos minorizados (minorizados pois não se vale de valor quantitativo, mas da constante poda de suas ações e reações, das barreiras postas às suas colaborações e experiências) não só em termos de reavaliação social e política, de representatividade, de aprendizagem coletiva, de questionamento do cânone, de busca de uma possível equivalência, igualdade, equiparidade ou qualquer que seja o termo dado à essa ilusão (como se, pelos meios atuais, fosse possível e fácil constituir uma distribuição de qualquer ferramenta de potência que possibilite igual trato e trânsito social, de grupos que sequer são mencionados [logo, sequer cogitados de participar dessa redistribuição]), sem qualquer revolução)... não só isso, perde-se também o foco que os debates deveriam ter. Letícia Nascimento (2021) dedicou um livro inteiro – a dizer, sua publicação *Transfeminismo* – para indagar o porquê do feminismo ter tanta recusa em aceitar mulheres trans, travestid e

transfemininas em seus movimentos, tomando-nas como bode expiatório¹⁰. Parece haver mais preocupação em reiterar falas e proposições antitrans e a voltar as produções apenas em volta de um punhado seleto de autoras mulheres. Ainda quanto às perdas, temos uma inteira modelização das relações, do sexo, do corpo com Paul Preciado e seu *Manifesto Contrassexual* (2014), que parece apenas espairar o campo acadêmico (com exceções de quem pesquisa gênero). Por que será que há esse impasse, seja na América Latina ou não, em cosmoperceber (utilizando uma contribuição de Oyèwùmí em contraponto à cosmovisão) corpos trans enquanto válidos? Quantas dessas pessoas fazem parte do cânone? Quantas integram o corpo docente/discente? Por que será que, durante a realização dessa tese, não se encontrou produções escritas por pessoas trans, travestis, agêneros e não-binárias com a mesma facilidade de outras cisgênero? Por que será mais fácil estudar corpos trans pelas obras cisgênero (como em Guacira Lopes Louro, que faz um bom trabalho ao se estudar corpos e as normativizações, fazendo valer a mudança de termos como “estudos ‘pós-estruturalistas’” para pós-identitários)? Por fim, qual tipo de pensamento poderá ser feito sem qualquer intersseccionalidade, sem qualquer possibilidade de respostas, quando a maioria do que se reproduz é repertório repetido?

5 - A EXPERIÊNCIA QUEER/CUIÉR – PARTE II

Nancy diz que “‘Escrita’ não quer dizer mostrar, ou demonstrar uma significação, mas indica um *gesto* para tocar no *sentido*” (p.18); assim como que “Escrever é o pensamento endereçado, enviado ao corpo...” (p.19), e é esse tipo de escrita que Paul Preciado vem fazendo há anos, e que não toma o espaçamento decente e devido. Caso suas abordagens em seu *Manifesto Contrassexual* dissessem respeito a apenas a comunidade trans, poder-se-ia entender esse posicionamento do autor enquanto um “autor *queer*” fechado em suas “produções identitárias”. No entanto, a radicalidade e a maneira de escrever do autor é tão interessante que

¹⁰ “A adesão de mulheres transexuais e travestis ao feminismo como transfeministas pode ocorrer com o reconhecimento de nossas performances de gênero, tanto dentro das mulheridades e/ou feminilidades, quanto das performances dissidentes, como as travestigeneridades, enquanto gênero originário. Isto é, entende-se a travestigeneridade como gênero originário, no sentido de ser um gênero próprio, um gênero em si, para além do binarismo homem e mulher – as travestigeneridades apresentam-se como mais um gênero, ou um terceiro gênero” (NASCIMENTO, Leticia. p. 36-37). Essa citação de Nascimento faz lembrar o quão viável é contestar o binarismo, de gênero por exemplo, a partir de uma terceira alternativa (a travesti, identidade feminina mas que não responde ao binarismo de gênero em sua completude). Essa identidade de gênero, fortemente latina, é marca da possibilidade de se criticar o sistema de gênero.

o fez ser colocado enquanto um dos mais importantes nesses estudos pós-identitários cuíer, ao lado de Butler, geralmente integrando a bibliografia dessa área.

Contudo, o que se constata ao pensarmos autores como Preciado não são os rearranjos do autor referentes aos seus estudos sobre gênero, sexo, grotesco, sexualidade, performance... mas que muito disso não chega à academia e, quando chega, é pela metade. O autor já dialogou demais com Butler; já fez críticas; já há críticas ao próprio autor e essa monopolização que ele acaba tendo, sendo posto como um “representante da comunidade trans”, mas nada disso integra os estudos brasileiros dentro da universidade. E isso não quer dizer que o valor dessas produções ou de qualquer outra tenha que passar pelo incrível e multicultural crivo acadêmico para se valer enquanto interessante ou de necessária atenção¹¹; ou ainda, que Preciado, Butler e outros autories estrangeiros sejam tão importantes que deveriam integrar bibliografias (isso seria trazer o juízo de valor do autor da dissertação para o texto); mas sim, que se questione o papel da Universidade na elaboração de suas bibliografias e de como que seus discursos operam, afinal, quais teses e ensaios escritos por pessoas trans integram esse cânone?

“O grande ausente nas formulações de Butler é o próprio corpo, observou Preciado (2001), uma vez que a autora não trata dos processos específicos para a sua produção, reduzindo a identidade a um efeito do discurso. [...] Não se diz nada sobre a especificidade dos processos de construção dos corpos que buscam ajustar-se ao modelo dimórfico ou, ainda, sobre aqueles que jogam com as ambiguidades e reconstroem seus corpos com esse objetivo...” (BENTO, p. 161)

Retornando aos apontamentos do corpo, há uma citação do autor, na página 40 de seu *Manifesto Contrassexual*, que sintetiza bem a contra-ideia de corpo apresentada como aberta. A contrassexualidade de Paul “[...] reivindica a compreensão do sexo e do gênero como cibertecnologias complexas do corpo. A contrassexualidade, tirando partido dos ensinamentos de Donna Haraway, apela a uma queerização urgente da ‘natureza’”. É interessante notar, aqui, não só o intertexto com Haraway, mas também, o deslocamento da abordagem rente ao natural, ao inato, ao Uno, ao já dado: “O próprio saber constitui um crime contra a natureza...”

¹¹ Jup do Bairro, cantora e compositora travesti brasileira, vem abordando diversos assuntos referentes à sensibilidade e ao corpo em suas canções, tendo recentemente lançado seu álbum de estreia *Corpo sem juízo* (2020), não integrando nem o que poderia ser uma análise da sua “poeticidade” ou, ainda, de sua representatividade e posição social pelas Humanidades (que Preciado critica, por seu resguardo da *técnica* enquanto ferramenta de se trabalhar as Ciências, que iria de contraponto a esses discursos “sem pé nem cabeça”)

(RANCIÈRE, p.26). O discurso¹² seria uma das chaves possíveis, a partir de sua tomada “consciente”, para que se rearticule e se repense o binarismo natural/artificial, não pendendo para um polo, nem para outro como pontapé para se distender o corpo (será talvez que uma dicotomização; ou uma terceira postulação de se tratar o corpo; ou ainda, a abdicação de tudo, sucedida de um novo direcionamento, seriam atitudes possíveis para se trabalhar?). Ainda na mesma página do *Manifesto*, as “[...] substâncias chamadas ‘naturais’ (testosterona, estrógeno, progesterona), os órgãos (as partes genitais macho e fêmea) e as reações físicas (ereção, ejaculação, orgasmo etc.) devem ser consideradas como poderosas ‘metáforas políticas’ cuja definição e controle não podem ser deixadas nem nas mãos do Estado nem na das instituições médicas e farmacêuticas heteronormativas (PRECIADO, p. 40)”, o autor dialoga com o medicalização e o controle biopoderoso dos corpos, que havia sido abordado pela crítica artaudiana aos sistemas que comporiam esse Uno holístico corpóreo, enquanto constrói ponte com um outro texto, a saber, o *Texto Junkie*, do mesmo autor (esse trabalho sobre o controle do desejo, o controle daquilo que se perde e é não só controlado, mas enchertado em busca de uma normatização corporal. Esses desdobramentos serão abordados também, por exemplo, pela produtora musical transsexual SOPHIE em seu single *faceshopping*, pela citação dos emblemas ritualísticos médicos e farmacopornográficos, partindo de sua voz e rosto, distorcidos, expansivados, contraídos em sua *ololyga*, como ferramentas de inscrição). E é não só essa capacidade de Preciado dialogar com vários outros textos, teses, metodologias e cânones; de manejar bem sua crítica e poder auxiliar outras produções sobre o que produziria e quais comportamentos teriam o cuíer; ou ainda, sua capacidade em dar volume a essa nova maneira, pós-identitária, de estudar o Corpo e o Outro em sua constituição, o interessante na sua obra; mas sim, esse abraço à criação pelo refazimento contínuo do corpo apresentada que ao invés de

¹² Aqui vem um adendo muitíssimo importante no que concerne à ideia de “discurso” dentro da dissertação: o foco do trabalho sobre o “discurso” e suas construções ocorre mediante o diálogo que se fará entre as teorias cuíer quanto à linguagem, somadas aos poemas que cortam o texto. Isso não propõe, entretanto, uma ferrenha posição que diga que tudo é pura e simplesmente discurso e que, ou nada o escapa, ou nada o contrapõe. Isso seria rejeitar a possibilidade de algo externo ao discurso, e Butler já dissertou sobre esse perigo ao debater as identidades enquanto decorrentes de discursos contrutivistas ou essencialistas, a saber: “Paradoxalmente, a investigação sobre os tipos de apagamento e exclusões pelos quais a construção do sujeito atua não é mais construcionismo, mas também não é essencialismo. Pois existe um ‘exterior’ relativamente àquilo que é construído pelo discurso, mas não se trata de um ‘exterior’ absoluto, um ‘lá’ ontológico que excede ou contraria as fronteiras do discurso; como um ‘exterior’ constitutivo ele é aquilo que pode apenas ser pensado – quando pode – em relação àquele discurso, nas suas – e com as suas – mais tênues fronteiras. O debate entre o construcionismo e o essencialismo deixa assim de perceber totalmente a desconstrução, pois o argumento nunca foi o de que ‘tudo é discursivamente construído’; esse argumento, quando e onde é levantado, pertence a um tipo de monismo, ou linguisticismo discursivo, que recusa a força constitutiva da exclusão, do apagamento, de uma violenta forclusão, da abjeção e de seu retorno perturbador no interior dos próprios termos da legitimidade discursiva” (p. 206, grifo meu)

se diminuir pela constante incapacidade das análises em se chegar em um saldo positivo e condensado sobre o que é e como deveria ser, toma o negativo e o amplia em sua capacidade de produção e criação criativa:

Digamos mais uma vez, o dildo não é só um objeto, é também, estruturalmente, uma operação de recortar-pegar: uma operação de deslocamento do suposto centro orgânico de produção sexual para um lugar externo ao corpo. O dildo, como símbolo de potência e excitação sexual, trai o órgão anatômico deslocando-se para outros espaços de significação (orgânicos ou não, masculinos ou femininos) que vão ser ressexualizados por proximidade semântica. A partir desse momento, qualquer coisa pode se tornar um dildo. Tudo é dildo. Inclusive o pênis. (PRECIADO, p. 80-81)

De novo, o problema no uso dessa bibliografia cuíer, quando usada, é sua restrição a poucos nomes. Por que será que, durante a pesquisa para essa dissertação, foi tão difícil encontrar textos referentes à edição de corpo escritos por pessoas T? Outros nomes não seriam capazes de integrar essa nomenclatura que Preciado possui como pesquisador e autor?

Por fim, uma outra ressalva: o papel que a inconstância vem levando nas proposições aqui apresentadas. Os intervalos, tremulações, o dirigir-se ao Outro enquanto possibilidade de se refazer percursos para o corpo, não diz respeito à uma expansão que abriria mão de qualquer terminologia ou, ainda, limite e fronteira. A arealidade de Nancy não trata de pegar essa “corporeidade abstrata” e usá-la para masturbar a visão, tomando o que há de distensão do corpo como mistério a ser desvendado e interpretado. Isso seria também uma certa carnofagia do Outro. A outridade não se resume a uma correlação entre fendas identificadas e preenchidas, não se trata de uma abstração tamanha que abranja conceituações metafísicas, que tirariam o corpo da posição de encontro. Nem o primeiro caminho nem o segundo, esses polos, diriam o que há de político no fazimento do corpo, na sua edição, e na sua excrção pela linguagem: “Ver *um* corpo significa precisamente não o apreender *numa* só visão: a própria vista aí se distende, aí se esparsa, não abarcando a totalidade dos *aspectos*” (NANCY, p. 45). E ainda: “Ver os corpos não é desvendar um mistério, é ver o que se oferece à vista, a imagem, a miríade de imagens que é o corpo, a *imagem nua*, pondo a nu a arealidade” (NANCY, p. 46).

Tem-se que tomar cuidado para não olhar demais pras fendas e acabar encontrando uma medusa.

6 - A EXPERIÊNCIA QUEER/CUIÉR – PARTE III

Indo especificamente agora ao campo da literatura, especialmente da brasileira contemporânea, observa-se as influências dos movimentos pós-identitários de diversas maneiras, ao se embrenhar e questionar, pensando e repensando (e até refazendo) o que se imagina sobre corpo. *Corpus*, ou Corpo, ou ainda, o corpo, apresenta-se como o foco da literatura brasileira em muitos aspectos, seja na herança que ele recebe (Edimilson de Almeida Pereira¹³ incorpora isso em várias obras), no trauma que o afeta (com Adelaide Ivánova¹⁴), na sexualidade que o instiga (pela voz de autores como Caetano Romão e Ricardo Domeneck¹⁵), na confidencialidade e no cotidiano que o fazem tremer (a partir de Mar Becker¹⁶) ou, ainda, em seu processo de “reedição”. Repensar o gênero do corpo, a reedição do corpo, as maneiras de entendê-lo, especificamente, é característica forte do pensamento francês do século passado (ao menos no requerido Ocidente), expandido e focalizado por pesquisadores do campo cuier¹⁷ e que, nos dias de hoje, mostra-se descaradamente na literatura (podendo até estar ligado a outras áreas). Levando isso ao campo da comunidade T, há uma grande quantidade de produção literária, porém, fora do ambiente acadêmico. Espaços como do *slam*, saraus, oficinas, a música popular (detentora de sua inscrição profundamente lírica, sendo maior veículo do que se entende como “linguagem poética”), performances e pequenas publicações de pequenas editoras, são alguns dos meios pelos quais se inscreve e se escreve a população trans brasileira.

A área da poesia, dos poemas, permite jogos com a enunciação e com a linguagem que fornecem uma liberdade maior de expressão e abordagem teórica, comparada a outras maneiras de se comunicar literariamente, como a prosa (e aqui não há juízo acerca dos limites da prosa. Agamben já demonstrou a intrínseca relação entre ambas configurações a partir das análises

¹³ Edimilson de Almeida Pereira publica livros de teoria, crítica e poesia desde a década de 1980. *HOMELESS*, publicado pela Maza Edições, um desses livros em que o autor aborda herança, especialmente dos povos afrodescendentes brasileiros.

¹⁴ Adelaide Ivánova, em seu livro *O Martelo*, publicado no Brasil pela editora Garupa, perpassa diversas situações e reflexões referentes ao estupro e ao abuso sexual, seja na instância representativa, seja na institucional. Aqui há o choque, a denúncia, a exposição da violência, mas um quê de sexualidade que reconstrói aspectos teóricos de Virginie Despentes em sua *Teoria King Kong*, em que o abuso ocorre mas a mulher não é vista enquanto uma vítima que deve sofrer e ficar inerte ou não dizer nada.

¹⁵ Tanto Caetano Romão quanto Ricardo Domeneck possuem livros dedicados a homens e ao seus relacionamentos. A sexualidade é também um aspecto mais forte na literatura contemporânea, e vem ganhando mais força (ao menos a homossexualidade masculina). Romão tem como exemplo o livro *Um Nome Inteiro Disposto à Montaria* (editora 7Letras) e Domeneck tem seu ótimo *Cigarros na Cama* (editora Luna Parque)

¹⁶ Mar Becker tem publicado, pela editora Urutau, o livro *A Mulher Submersa*, em que aborda o figura da feminilidade a partir de elementos do cotidiano, perpassando pela sexualidade, herança, rituais, confidencialidade e outros aspectos, tratados com muita sutileza e sem qualquer noção identitária limitante, como se tudo que fosse dito pela autora fosse inerente a todas as mulheres enquanto classe.

da versura e da cesura. A prosa citada aqui carrega consigo todas as marcas postas enquanto relevantes e necessárias em seu uso, como a narração, a descrição e a representação como métodos; a dialética como técnica de tessitura do texto; o uso de personagens X ou Y e seus vários tipos; a sintaxe mais truncada e legível; a lógica do parágrafo e da coerência... sem falar de como é benquista e postulada como benquista pelo mercado editorial mundial). A linguagem aqui, nessa dissertação, não se é compreendida enquanto envolta por uma definição restrita, mas sim, necessária enquanto formativo do endereçamento, do movimento único que possui de se constituir de idas e voltas que tocam e atravessam as marcas do tempo, do espaço, das fronteiras: “E é isso a escrita: que o contacto estranho advenha, e que o estranho permaneça estranho no contacto (permanecendo *no* contacto estranho *ao* contacto: é toda a questão do tacto, do contacto entre corpos)” (NANCY, p.19). A poesia, ou melhor, os poemas enquanto maneiras de se inscrever, tornaram rebaixados atualmente, coincidentemente em uma época em que se compreende seu fácil acesso, sua fácil circulação. E é sobre essa circulação que foca a dissertação, a saber: como o corpo transgênero, transsexual, travesti, agênero e não-binário está circulando atualmente? Como se escreve? Será que a excrição, esse nome dado por Nancy que sintetiza bem (entre outras coisas) o movimento de fazimento do corpo pautado em sua ética, e não em sua antologia, pode ser encontrado não só na comunidade T, mas em sua maneira de escrever? É sempre tempo de se aprender a tocar, a não esperar transsubstanciações e aparatos na metafísica ou na materialidade apenas, ou ainda, aceitar o que há de dado no discurso. É a excrita capaz de quebrar os jogos, mas para isso, deve ser não só conceituada, mas posta em prática:

Talvez isso não aconteça exactamente *na* escrita, se ela possuir um ‘dentro’; mas ao longo do bordo, do limite, da ponta, da extremidade da escrita, *só acontece isso*. Ora, a escrita tem o seu lugar no limite; e se lhe acontece portanto qualquer coisa, é simplesmente o tocar. Tocar o corpo (ou antes, tal e tal corpo singular) *com o incorpóreo* do ‘sentido’, e assim, *tornando o incorpóreo tocante*, ou fazendo do *sentido* um toque” (NANCY, p. 11)

E essa é sua prerrogativa.

SEÇÃO 3 – TOM NÓBREGA

¹ tento/a/s imaginar sangue/graxa jorrando

² d/a/o canto/lateral d/o/a computador/tela adormecid/o/a

³ outro dia cort/ei/ou/aste um/a jaleco/gravata

⁴ vir/ei/ou/aste à/ao avesso/esquerda

⁵ para ir n/o/a aniversário/estreia de um/a amigo/a

⁶ a cada sinal/vez que cheg/o/a/s perto d/o/a êxtase/estrada

⁷ acord/o/a/s com um/a garfo/flecha vermelh/o/a apontando

⁸ para o/a peito/garganta (NÓBREGA, 2022)

A partir do momento em que se depara com o poema, um elemento traz atenção: a grande possibilidade de articulação do texto a partir de sua troca paradigmática, pré-selecionada e apresentada por Tom Nóbrega, que desemboca em uma suprassunção termos conflitantes, mas “categoricamente similares” em sua função no poema, sendo um normalmente “superando” e “sintetizando” o outro para que a leitura “lógica” opere. Claro, tem-se a possibilidade de leitura dos termos seguidos um do outro, por uma mesma voz; ou ainda, uma leitura conjunta, como em algumas realizadas por autores concretos brasileiros¹⁸; ou ainda mais, pela simples escolha de quais termos selecionar. As consequências de uma reorganização do discurso alheio, apesar de mister na discussão que trata da ética do corpo, e por sua grande capacidade de análise em cima, não fará parte deste estudo, uma vez que outros elementos parecem resvalar mais do que o poeta buscou: especula-se sobre a dupla êxtase/estrada, e o uso dos verbos nesse poema.

Noções provenientes de Jean-Luc Nancy, que analisa o corpo e o toma enquanto insignificante (em resposta a Lacan e seu corpo significante, apresentado ao longo de diversos textos e com diversas implicações, como no *Seminário I*, no *Seminário II*, e nos seus *Escritos*),

¹⁸ Para mais, ler: CAMPOS, Augusto; poetamenos. In: **noigandres**, n.2, São Paulo, fevereiro de 1955

leva a análise aos ditos restos da linguagem, uma vez que é a partir desses detritos e rejeitos que se pode entender as experiências do corpo (e no fim, é disso que essa tese trata: da linguagem como resto do corpo). Articulações como a de Elton Panamby, apresentadas no poema anterior, tomam a fragmentação de um signo para que se possa expandir o corpo por seus estilhados, trazidos por intermédio dos fonemas que formam a palavra “serpente”. Nóbrega, no entanto, busca se aproximar do que desliza cada vez mais da experiência e do “objeto” de análise (o corpo, nesse recorte feito pela tese) a partir da extrapolação de palavras integrantes de um mesmo espaço dentro da sintaxe. A ex-posição do corpo, a não-imposição de um corpo, mas um convite para que se retorne a suas entranhas a partir do que se propõe apresentar, é um caminho pelo êxtase, por esse termo da *ekstasis* grega que funda conceitos como “guerra civil” a partir de um trânsito que ex-trapola os limites do corpo. A êx-tase se pauta nesse alcance pelo deslizar fora, e que aqui não trata de uma transcendência exatamente, mas de um simples movimento de rompimento, seguido pelo termo “estrada”, que trata da disposição em camadas, de uma pavimentação.

O conflito dos termos, um que “fala de choques e rupturas, de quedas”, e outro que se inclina a falar de construções, de sedimentações, não devem ser vistas pela *alhebung*, mas pela suplementação e suas já-impossíveis possibilidades de dizer da inteireza de um signo, que não se fecha, mas que não se deixa de se apresentar e ser trespassado. Importante ressaltar que, até então, tem-se batido na tecla de que binarismos são violentos por pré-dizerem as escolhas a serem feitas: ora, no âmbito do gênero e das relação entre corpos, sempre haverá violência, seja ela com noções já selecionadas ou não (até mesmo a própria ideia de se fazer uma escolha, a depender do contexto, pode exprimir uma violência). Tomando dessa maneira, desvios podem ser feitos, como o de outra possibilidade de se pensar os corpos, por exemplo, e criar uma radicalidade que abolicione o gênero, por exemplo; ou ainda, buscar maleabilizar o binarismo de uma maneira tal que encontre, a partir das fendas desse *continuum*, entrecruzamentos que são sim existentes, mas que não são mostrados. Aqui, Tom Nóbrega optou por dois termos contradizentes, mas que tratam de estruturações, para dizer o corpo das beiras (e também o corpo que acorda assustado, com o “[...] garfo/flecha vermelho/a apontando”).

A dizer dos verbos, quais implicações o termo “adormecido”, nominalizado no verso 2, traria? Os verbos do poema nunca agem sozinhos: existem verbos no infinitivo no poema; no passado; no presente; no gerúndio... mas a nominalização do verbo, o “adormecido”, agiu sozinho. Ou melhor, agiu em dupla se se pensar sua qualidade adjetival, que encontra o termo “vermelho”, no penúltimo verso, para se pensar uma isotopia. Ao se pensar essas implicações,

por que, ao se propor uma inversão dos termos, a palavra “vermelho” se interliga de forma mais lógica – semanticamente – com o verso 1, sucedendo o “sangue/graxa jorrando”; enquanto o termo “adormecido” responde melhor a ideia de espantografia e de assombro por uma invasão, criando assim o verso “acord/o/a/s com um/a garfo/flecha adormecido/a apontando”? Isso seria a maneira de Nóbrega propor um fazimento dessa virada do poema, dessa virada “à/ao avesso/esquerda”? Ou melhor, será que é possível dobrar o poema horizontalmente, e fazer não só a torção do texto, essa folhagem do texto; e garantir, também, que essas contingências, essa não-decalcomania na divisão, se efetive e diga da vazão de sangue e graxa, das marcas e da vazão das marcas no texto e das imanências.

7 - UM PROJETO DE ANTOLOGIA TRANS

Durante o processo de pesquisa da excrição trans nos poemas apresentados, dois pontos cruciais foram levantados: (1) a maneira com que os textos foram organizados, e (2) o valor das análises. O primeiro ponto precisa ser citado pois, a partir do momento em que se elenca os textos organizando-os em seções, pode-se supor uma categorização, uma separação que demonstre características de cada ente subcapitulado. Evitou-se, por exemplo, criar separações entre uma “excrita trans masculina” de uma “excrita trans feminina” ou, ainda, criar a categoria “excrita trans não-binária” pois, apesar destes corpos sentirem coisas distintas uma vez que suas expressões são diferentes, não se pode produzir saberes que limitem ou dêem caracteres específicos a grupos distintos. Sublinhar o que há de específico em cada um é um movimento; agora, circunscrever esses corpos desses grupos em uma suposta póstica, seria tomá-los por expressões previamente selecionadas, como se fossem previsíveis ou, ainda, normativas dentro dos próprios grupos. Ademais, não se propõe montar um cânone literário aqui, como se apenas os textos apresentados fossem os de maior valor dentro dos produzidos por pessoas T.

O segundo ponto, referente ao valor das análises, e se liga bem à crítica ao cânone. O processo de investigação aqui feito não busca taxar a metodologia de análise poética como um padrão a ser seguido, a saber, um fazer científico ou uma técnica que seria a única suficiente para se trazer a verdade sobre o que está no texto. A noção de que a poesia serve e responde sempre à sociedade nem sempre é o caminho: há coisas das quais as palavras não dão conta de se aproximar. Logo, tudo aqui é efeito de uma interpretação possível dentre várias, jamais uma verdade absoluta, única, testemunhal, confessionada, descritografada. É movimento, entropia e ectopia de linguagem que busca abordar, dentre outras coisas, as marcas na corporeidade trans

através da poesia, do *corpus* mesmo, sendo esta uma das inúmeras temáticas que autor/es trans escrevem (isso sendo mais um dos motivos da seleção dos seguintes textos: a temática da edição e excrição. Ao longo das leituras, encontrou-se diversos textos que abordaram de paixões, família, relacionamentos, luto..., sendo isso reservado a outras análises que não as desta dissertação.

É importante ressaltar, contudo, que a presença forte desses outros temas diz muito sobre o local da Literatura e do posicionamento que deram a pessoas trans: a marginalização assombra a escrita enquanto veículo de denúncia e crítica; e o amor, enquanto temática, acaba por responder às concepções do cânone da “linguagem poética”, caindo em idealizações e romantizações. No entanto, nenhum desses movimentos tomados são essencialmente ruins, já que se deve reestaurar o uso da linguagem para que esses corpos possam dizer seus arrepios, intimidades, afetos, carinhos, projeções e espelhamentos; assim como o direcionamento da poesia rente à transfobia e a violência também são necessárias, em uma postura combativa mais direta, e que retoma a posição dada a essas pessoas. Mais uma vez, ressalta-se o afinilamento da temática apenas pela interseção com o debate sobre corpo, e traz o alerta sobre o redução da escrita trans a assuntos e posturas pré-estabelecidas.

No que diz respeito à antologia em si, esta foi publicada em 2017, sendo um compilado tanto de poemas escritos nas oficinas literárias do projeto “Cursinho Popular Transformação”, ocorrido no bairro da República (São Paulo), quanto de poemas enviados à equipe organizadora do livro. No primeiro contato, é possível reconhecer como algumas das atividades da oficina ocorreram, já que certos textos compartilham aspectos comuns (como a constante “o amor de fere/ debaixo do braço”, que funcionou como base para se propor uma das atividades de escrita). É igualmente interessante, no entanto, levar luz aos outros temas trazidos nos textos, que surpreenderam na análise uma vez que se esperava encontrar outras coisas na antologia: são justamente a presença da violência, pela forma de denúncia da transfobia; ou ainda, noções acerca do amor, que envolvam a maioria dos versos. Isso poderia se dar, claro, pela possibilidade de as atividades serem direcionadas tendo temáticas, frases ou citações específicas, que contribuíssem para que os poemas tivessem denominadores comuns; contudo, parece haver algo mais nisso. Deveria-se perguntar por que, justamente pessoas não-cis, acabaram por escrever menos do que poderiam sobre seus corpos e suas mudanças, dando muito foco nas violências que sofreram ou no amor que buscam. Pergunta-se nisso não como tentativa de enclausurar a comunidade trans enquanto formada de entes que possuem como única marca a alteração de seus corpos, ou que só teriam isso a dizer (até porque, nem toda pessoa trans altera o corpo

drasticamente para se sentir em conformidade com seus gênero. Essa noção é majoritariamente binarista e inclinada à medicina¹⁹), ou ainda, negando os outros temas abordados. No entanto, ao esperar uma fuga dos temas recorrentes e pressupor que uma “edição do corpo” se mostraria com mais força e vazão, esbarrou-se nesse movimento de distanciamento de uma “escrita sobre a escrita do corpo”.

A antologia mostra, aqui, alguns pontos interessantes: a pressuposição hipócrita sobre o que alguém da comunidade trans poderia ou “deveria” escrever; qual seria o saber sobre o que é o poema e seu papel (por exemplo, ser um meio de denúncia e/ou reivindicação; ou ainda, de dar vazão a um campo amoroso, tão comum no imaginário do público geral – o que explicaria a existência da temática amorosa na antologia); por qual língua escrevem esses poemas e a quem escrevem (e por que o corpo como editável apareceu tão pouco em uma antologia composta de pessoas T tão diferentes). Essas perguntas perpassam qualquer pessoa que escreve, mas como se resolvem pelas mãos de indivíduos que habitam a margem, o bordo, a beirada não só social, mas no imaginário mesmo?!

Pode-se pôr a “exigência pressupositória”, de que a haja uma necessidade mais urgente da comunidade trans dizer da transição ou da edição do corpo, de lado. Contudo, a presença tão marcante de marcas de violência nos poemas demonstram não só os casos de preconceito explícitos, mas os institucionais e os de linguagem, e isso é algo importante. É importante na medida em que mostra outro “tipo” de personagem trans pensado, saindo da ideia de que seria apenas uma pessoa “que transiciona”, para aquela que “sofre a transfobia”. Isso é dito não com o menor intuito, objetivo e abertura de negar a violência que essas pessoas sofrem, mas como um alerta na medida em que, por meio da constituição do Brasil conforme nação, essa comunidade foi tão limitada em sua capacidade de expressão em meios “oficiais” (como o editorial) que se estigmatizaram “tipos” de pessoas trans, todos perpassados pela violência. Essa significação do corpo, que o restringe (e cuja restrição ecoa nos poemas), alinha-se a uma citação de Nancy em seu *Corpus*, a saber: “É assim tanto mais surpreendente que um certo discurso da psicanálise se obstine [...] em tornar o corpo ‘significante’, em vez de evidenciar que a significação é aquilo que impede por todo lado o espaçamento dos corpos” (p. 22, grifo meu).

Por mais que se leia os poemas, mesmo por uma “chave de leitura”, há esses episódios que impedem que se escreva sobre paixões, afetos, o Outro que convive com o Outro trans,

¹⁹ Para saber mais, ler *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* (BENTO, 2006)

histórias sobre origem, senso comunitário, observações do cotidiano, crenças e outros temas mais, com mais afinco. É pensar que, mesmo sendo uma das primeiras antologias brasileiras compostas de autores não-cis, a violência da transfobia é tão traumática, tão aberta em sua angústia, que sempre retorna. Ao mesmo tempo que abre a possibilidade de estar alerta sobre a variedade com que ataques transfóbicos se apresentam, dá brecha a uma restrição sobre o que o texto desencadear ou alcançar, e isso é outra maneira de limitação do pensamento.

SEÇÃO 4 - CARMIN

Genital

¹ genital latina buceta ilegal

² general genes do jornal prazer

³ pau venal geral descoberta Cabral

⁴ erótico gênio em corpo aterrado (CARMIN, 2011, p. 33)

Carmin, com toda sua condensação no poema, implode sua linguagem poética a partir de uma articulação na estrutura dos versos pela justaposição de nomes (note a falta de verbos no poema, com exceção do último verso, cujo verbo “aterrar” aparece; porém, nominalizado, com papel de adjetivação). O corpo aqui, explorado em sua não-atividade – com isso se diz, a falta de ações por intemédio de voz ativas, ou seja, a falta de um sujeito sintaticamente marcado na maioria dos versos, que não se mobiliza em prol de algum objetivo – poderia ser visto pela voz passiva, alvo de direcionamentos exteriores e, a partir daí, ter ser corpo ditado, sua materialidade constricta. Mesmo que se marque essa afirmação, para se apontar a crítica presente no poema que, de fato, funciona de denúncia à castração e regulação de corpos trans, a passividade e a aceitabilidade, tidas como completamente absorvidas, não funcionam aqui dessa maneira: nenhum corpo simplesmente aceita uma regulação por cima dele; afinal, é justamente pela dissidência e ruptura dessas noções marcadas pelo enunciado, que se observa a frágil normativa das identidades.

Aqui, o saber do corpo, desse “gênio em corpo aterrado”, é sublinhado pelo trabalho de métrica dos versos (jamais se pretende dizer que a métrica “representa” a corporeidade de quem escreve o poema. Isso seria negar a crítica à representação feita até então), que trabalham em cima de variações de sílabas tônicas e átonas mas que, curiosamente, possui quebras:

uu_ u_u u_u uu_ (3, 5, 8, 11)

uu_ _u u_ u_ (3, 4, 8, 10)

_ u_ u_ **uu_u** u_ (1, 3, 5, **8**, 11)

u_uu _u _u *uu_u* (2, 5, 7, 10)

Observe o primeiro verso, que começa e inicia com um anapesto, e que possui dois anfibráquios no meio. Isso muda a partir da segunda palavra do segundo verso, os “genes”, uma palavra em troqueu, que modifica as duas seguintes em jambos. Os jambos permanecem presentes nas sílabas seguintes até a vinda da palavra mais deslocada do poema, a “descoberta”, que além de preencher o terceiro verso com uma palavra a mais (é o verso com mais palavras), funciona com um ritmo diferente, já que a palavra possui pé em díbraco + troqueu (uu + _u). Essa quebra do ritmo, essa variação, ocorre possivelmente pela presença de “general” e “genes” no segundo verso que, somados, criariam esse novo conjunto de tônicas e átonas. Mas o que traria nesse deslizamento de consoantes alveolopalatais [], com suas vogais [e], para resultar em uma “descoberta”? O foco da crítica e do controle? Possivelmente, uma vez que a figura do armamento e da ação restritiva e armamentista de um general, somada ao aparelhamento biologizante dos genes criam essa célula rítmica que aparece espelhada no último verso (a célula aparece em *itálico* acima), pressionando o gênio do corpo em seu meio (os padrões rítmicos citados até aqui, que resultarão nessa combinação díbraco + troqueu, aparecem em **negrito**).

Se isso for aceito, por onde o corpo de Carmin escaparia, por onde resvalaria? Será que as outras palavras, não marcadas até então, dariam pistas desse novo corpo, mesmo marcando um ritmo padronizado? Ou será ainda que, essa “descoberta” Cabral, que sintetizaria a marca de exploração das sexualidades e gêneros nas Américas a partir de uma imposição pelo dimorfismo sexual, poderia ser tomada como excesso do poema (afinal, é a palavra que mais se sobressai pelo ritmo e pela contagem de palavras nos versos) e, a partir dela, apontar uma nova descoberta sobre o corpo de quem se excreve? A linguagem poética é a capaz de sublinhar isso tudo e dar as pistas, os arranjos, os desenhos por detrás das linhas que direcionam ao vislumbre do gênero e suas modulações.

SEÇÃO 5 - IKA ELOAH

Pactos

¹ Fazer pacto com o nada

² ou aprender a lidar com tudo?

³ Autoconhecimento não funciona

⁴ para fazer do vazio do nada

⁵ suficiência de tudo.

⁶ Tudo ou nada?

⁷ Só dois caminhos não bastam.

⁸ Não cabe hormônio

⁹ no corpo que não se conhece mais. (ELOAH, 2017, p. 50)

Este poema de Ika Eloah, envolto pela fantasmagoria de uma promessa, a saber, da espera do cumprimento de um porvir, sempre chegando, sempre vindo, abre espaço não só para a discussão sobre noções do pacto, mas também, desse binarismo tudo/nada. A abertura dos primeiros versos, marcados por várias fones em /a/, dão essa vazão pela qual aquilo que se promete pode entrar ou sair, sendo via de mão dupla. Não se trata apenas ou, exclusivamente, do trânsito do ar pela boca, mas também, de uma via de mão-dupla, um *double-bind*, pelo qual o pacto e suas consequências trazem. Um pacto sempre pressupõe uma aceitação de algo que vem ou de algo que não vem, e essa brincadeira entre a insuficiência daquilo jurado (voluntariamente ou não) é escrita pelo vai-e-vem da vogal /a/ e da vogal /u/: uma vogal que abre a boca por completo, e uma que fecha por completo.

Quando se chega no “tudo”, escrito no segundo verso, o dualismo é apontado: apesar da abertura da boca ao longo do poema, não se pode abarcar tudo na goela, e daí, o “autoconhecimento”, escrito no verso seguinte, e que combina tanto o /a/ quanto o /u/, demonstra-se como ponto importante dos limites que um corpo pode entender e aceitar. O corpo

enquanto material entra em cena quando se escreve o que o afeta e, como esse quê que o afeta, é entendido. Não à toa, Ika debate sobre o que se permite inscrever ou não no corpo, o que é aceitável nesse dualismo que o gênero impacta e, tira o que lhe convém, mas não abarca nenhum dos polos: /Só dois caminhos não bastam./. Guacira Lopes Louro diz sobre: “Há também os que se demoram na fronteira, aqueles e aquelas que se abandonam no espaço ‘entre’ dois ou mais lugares, que se deixam ficar numa espécie de esquina ou encruzilhada” (LOURO, 2022. p. 19).

Os dois últimos versos, que combina os elementos duplos da materialidade do corpo (a saber, o uso dos hormônios) e o que há de “metafísico” do corpo (a saber, o conhecimento e o “caber” do corpo), resolvem a questão pelo destaque dos fones /o/, que se localizam em posição mais ao centro do quadro fonético (nem abrem demais a boca, nem fecham demais). Essa circunscrição do corpo pelo arredondamento dos lábios durante a leitura, essa passagem dos polos a um ponto que marca um lugar que não o de posicionamento fixo, ilustra a crítica maior de Ika: o que um corpo suporta, e o que pode fazer para se ex-crever? Romper um pacto no fim, não como desvio, mas como uma possibilidade, e que não é necessariamente representada pelo poema, mas articulada.

Não saber do corpo, o posicionamento comum de quem toma o binarismo de gênero como padrão e que não o questiona; ou ainda, saber do corpo mas ver apenas a hormonização como meio de se expressar, é responder à edição do corpo por meio da visão médica que sempre propõe, à população trans, “corrigir” o “corpo errado” por meios químicos. Ika traz a possibilidade de questionar essa necessidade de hormonização, e além disso, demonstra como a língua (conscientemente ou não do processo usado no poema), é capaz de esticar essas beiradas dos limites do corpo (sem falar do constante uso de fones fricativos e plosivos no começo e meio do poema – muitos feitos em posição dental –, que se resolvem dando espaço a fones plosivos, mas na região velar. Uma maneira de marcar outras possibilidades do discurso talvez? Ou ainda, mostrar que o que cabe na goela é algo que não entra nem sai, mas apenas explode lá dentro?)

SEÇÃO FINAL – RENÁ ZOÉ

Unhas roxas

sou todo unhas roxas; nisso me converto: meu corpo deixa de ter braços, de ter olhos ou cabelos; sou unhas; me dou conta súbito de que estas unhas destoam de tudo o mais – do ferro amarelo do ônibus que agarro; dos bigodes dos homens e seus relógios; todos estes homens cujos olhares atravessam minha superfície opaca: odeio-os; não sou meramente indiferente a eles, sim, os odeio; cintilante ódio, purpúreo furta-cor; penso com minhas unhas em lhes arrancar os globos; o ônibus para, eu desço; na noite sozinha encontro minhas mãos; volto a ter corpo, e assim volto a ser corpo em risco (ZOÉ, 2017, p. 100)

A interessantíssima corporificação de Zoé, a inscrição deste que marca feixes constantes, é um dos ótimos exemplos a respeito da linguagem poética brincando com suas instâncias e instabilidades, e de como isso carrega consigo dizeres sobre o corpo. A primeira linha dessa prosa tem algo de oculto, mas que é explorado à exaustão no poema: a ideia de um corpo metonímico. A deixa de “sou todo unhas roxas”, uma evidente metáfora que poderia dizer da rigidez e pequenez do corpo (mas também, de sua capacidade de retorno e crescimento após cortes), é alterada na oração seguinte, em seu “nisso me converto”. Claro, o uso da troca de termos por outros, em seu eixo paradigmático, é o que marca a metáfora, afinal, um corpo não pode ser unhas. No entanto, ao mesmo tempo em que opera pela metáfora na medida em que a linguagem não é capaz de lidar com o “próprio” do corpo, o arrepiar do corpo, e transpô-lo aos versos; é interessante notar que ele é metaforizado por uma parte de si, um recorte. E o que seria uma sinédoque senão uma parte que diria pelo todo? Dadas essas imbricações que alinham a metáfora à metonímia, poder-se-ia dizer que ambas se equivalem ou, ainda, que para atuarem, precisam uma da outra. Ora, de fato ambos os pontos podem se convergir por trabalharem com a linguagem e o símbolo; mas, no entanto, há marcas importantes que explicitam a diferença de ambos: a metáfora trabalha na substituição, na convergência de uma cadeia significativa que toma o lugar de outra; enquanto que a metonímia diz de uma falta marcada. É assim resumido por Lagazzi (2013), citando Lacan e Todorov:

Retomando Lacan, nas palavras de Ducrot e Todorov, o autor nos diz que "a condensação é uma metáfora" e que o "deslocamento é uma metonímia", que a metáfora "diz para o sujeito o sentido recalcado do seu objeto", e que na metonímia "se marca que é o desejo, desejo de outra coisa que falta sempre" (p. 107)

E é aí em que Nancy opera, buscando uma radicalidade que fuja também do significante linguístico, que não se apoie não só na crítica à metáfora como a Desconstrução geralmente a faz, pondo-a enquanto vetor de violências; como também, não crie dependências entre esses binômios. No entanto, pelo uso que Zoé faz da metonímia e dessa falta (que, é importante ressaltar, não se deve entender como brecha para uma suposta completude do ser), tem-se esse espaço dedicado à sua instabilidade a partir do eixo sintagmático do poema, cujos elementos e suas ligações (a saber, esse processo “sou todo unhas roxas” → “encontro minhas mãos”) diriam denotar a inscrição de um corpo que se perde e, que toda hora, é lido pela metáfora ou pela metonímia.

Essa instabilidade do poema, esse pulsar que oscila entre figuras de linguagem diz que Zoé não sabe lidar com a língua e, portanto, deixou resvalar essa equivocidade da poesia? De certa forma sim, já que seria ilusório supor que alguém é capaz de ter total controle sobre o idioma. No entanto, Zoé precisa dessa instabilidade para marcar seu corpo enquanto sua maneira de inscrevê-lo e enquanto inscrito pelos enunciados e, além disso, para falar de sua refração. Não interessa, necessariamente, a capacidade do corpo de se deslocar em uma figura de unhas ou não, ou ainda, dar voltas na crítica explícita de Zoé que, ao se expressar com essas unhas que se destacam e não condizem com os pressupostos de seu gênero inscrito, direcionam os olhares a uma suposta marca de irregularidade. Não, o corpo e sua capacidade de refração é o que Zoé quer dizer, é sobre como um corpo de “superfície opaca”, de uma total reflexão de luz, de feixes, do que lhe é externo, consegue ser atravessado pelo outro. Obviamente o atravessamento, dentro do contexto de crítica dentro do poema, refere-se à invasão, à angústia de um rompimento não necessariamente entre o Eu x Outro; mas com a convocação, com a adesão não-permitida.

O corpo de Zoé é um corpo de instâncias, de sintaxe isotópica, em que as peculiaridades são não só percebidas; mas compartilhadas. A questão é a maneira de se acessar essas suas imanências, uma vez que se pode cair no enclausuramento do Outro ao ponto de disseminar uma noção A em uma negatividade B, no Outro que se espreita forçosamente (para isso é só voltar os olhos em como as “unhas roxas” se transformam em “cintilante ódio, purpúreo” ou, ainda, de “meu corpo deixa de ter braços, de ter olhos ou cabelos” para “penso com minhas unhas em lhes arrancar os globos”. O perigo do corpo delineado nesses versos, o perigo da opacidade que não só repele o que é de fora, mas que absorve, o carnofagiliza e se deixa consumir pela violência e que a dissemina. É por isso que Zoé inscreve uma notável prosa

poética, pois se espreme vários elementos do corpo: há a intenção da metáfora na predicação, que é sucedida de uma metonímia em que uma parte pequena, esse direcionamento analítico, que recocheteia o holismo do corpo; o material do corpo está em circuito com uma metafísica do corpo; há a crítica mas, também, a possibilidade de vinculação de teorização sobre o corpo a partir dessa *diasparagmos* dos membros “excedentes” que dizem e não dizem o que é o corpo (pois suas suspensões dizem algo dentro de um contexto, mas outra coisa em outro)... esse tensionamento do texto, que sabe de sua capacidade de ampliação, é o conteúdo visado pela dissertação, pela produção poética enquanto veículo de abertura do *corpus*.

8 - O QUE HÁ NOS CORPOS CIS:

A seguinte seção, indo em uma direção oposta àquela tomada ao longo da dissertação, buscará pincelar a respeito da edição do corpo, agora, por pessoas cis. Poder-se-ia compreender, com aquilo apresentado até então, que a possibilidade de experimentar algumas das noções teóricas trazidas até aqui estariam explicitamente mais denotadas (ou seriam mais possíveis, ou ainda, seriam unicamente possíveis) em produções trans. No entanto, ricochetear essa discussão para o campo da corporalidade cis é também importante, não só para apresentar tudo aquilo proposto; ou ainda, buscar fugir mais uma vez de um dualismo que produziria a ideia de que o corpo trans seria “aquele correto” por se editar, respondendo às teorias elencadas; enquanto o corpo cis seria aquele que “ainda não fez esse rompimento”; mas também, fazer entender que essas barreiras de linguagem, identitárias, de expressão, de excrção do corpo, existem também à pessoas cis. Com isso, não se busca generalizar a discussão de todo o movimento trans, ou ainda, puxar as contestações e inscrições específicas da comunidade T para o campo normativo cis mas, justamente, buscar romper esta normativa cis e ver, até que ponto, uma pessoa cisgênero pode também se editar e voltar seus esforços às suas experiências e afetações, fugindo (se possível) de considerações postuladas culturalmente.

Há atualmente a compreensão de que as minorias sociais deveriam se reunir cada vez mais, agregando-se, para combater o *status quo* Ocidental e suas limitações inscritas e inscrividas, seja no campo simbólico, imaginário ou simbólico. Essa noção é verdadeira no que corresponde à agregação das partes e ao seu uso do discurso, para nomear quem são e pelo o que lutam. Contudo, o foco nas minorias, a saber, a criação de núcleos de estudo e fortalecimento de suas lutas, apesar de importante, centraliza a discussão e corre o risco de criar eixos que não dialogam entre si; ou ainda, que sejam feitas postulações também pelos grupos

dominantes (uma vez que esses dominam os meios de comunicação, representação, de manejo das técnicas, da política, do enunciar discursivo, e outros). Exemplo disso seria o feminismo dentro das universidades, onde já há bastantes estudos. O que faltaria não seria um maior movimento dentro do feminismo para que ele se valesse, mas estudar também as masculinidades, ver como as ferramentas sociais as castram e as colocam como valências que reestruturam e mantêm o as regras de composição e estruturação do Ocidente funcionando, e promover novas maneiras de rearticulá-las. O mesmo pode ser feito ao analisas a cisgeneridade (não há necessidade de criações de núcleos ou departamentos nas Universidades, mas que haja ao menos a discussão da pauta em larga escala, dentro de grupos de pesquisa intertextualidades e interseccionalizados). Obviamente isso traria, por outro lado, críticas por grupos contrários, que tentariam fazer valer uma suposta “doutrinação” dos corpos a partir de uma transsexualidade forçada (seja por grupos conservadores ou, ainda, pelo movimento do feminismo radical – que possui ótimos pontos, mas que acaba promovendo, insistentemente, noções de feminilidade a partir do materialismo e da biologia quando convém); ou ainda, a acusação de um desvio de trabalho cujo enfoque seria uma camada inscrita já bem posicionada, cristalizada e naturalizada.

Ademais, ao estudar o cis, pode-se também evitar que as análises, produções, estudos, questionamentos e indagações sobre excrções e edições de corpos trans se concentrem em apenas um grupo próprio. Foi justamente a partir dos estudos sobre heterossexualidade – a norma – que o feminismo acentuou outros pontos em seu movimento:

[...] os atores sempre estão no cenário, dentro dos mesmos termos da performance. Assim como uma trama pode ser representada de múltiplas formas, e assim como uma obra requer, ao mesmo tempo, texto e interpretação, o corpo sexuado faz sua parte em espaços culturalmente definidos e leva adiante as interpretações dentro dos limites já existentes (Butler, 1998: 308 apud BENTO, 2006, p. 86)

Com isso, Butler diz que a heteronormatividade é um dos aspectos usados para se validar a dicotomia sexo x gênero, pois se a maioria é dimórfica por natureza, a sexualidade e o gênero têm de ser também. É por intermédio de apontamentos como esse, por exemplo, que se pode pegar contribuições sobre o corpo (o CsO deleuziano, à título de exemplificação) e alinhá-los a especificidades de grupos, não só retirando seu suposto caráter universal, mas testando-os, pondo-os em prática, vendo a aplicabilidade e esticando cada vez mais as barreiras do corpo.

Por fim, isso ajuda no questionamento sobre a diferença sexual, já que no fim das contas, o “corpo é a certeza siderada, estilhaçada. Nada de mais próprio, nada de mais estranho ao nosso velho mundo” (NANCY, p. 7, grifo meu).

De início, pode-se citar Letícia Féres, poeta brasileira, com seu livro *Experiências sobre editar um corpo*, no qual os versos trarão experiências nas quais a linguagem ou as normas se comportam rente um corpo feminino que não as responde ativamente (sendo este, um corpo ainda cis). A noção de edição de corpo que aparece ao longo da dissertação é tirada daqui na medida em que responde bem às possibilidades de se estudar a experiência do corpo, o que faz tremer o corpo, o que cria e dá vazão a este corpo, indo além de uma ideia radical de reestruturação (boa em seu radicalismo, mas difícil de escapar das noções de estrutura, que pode se engessar e criar novos modelos. É inclusive devido a isso que se cita a crítica à noção de “pós-estruturalismo” dentro das Humanidades, uma vez que seu esgueiramento ainda não ocorreu), sem ser taxativo ou exclusivo de uma comunidade, sem desrespeitar as especificidades de cada uma.

No primeiro poema, que abre o livro, Letícia Féres introduz a temática do corpo a partir de uma reflexão, quase que retirada de um ensaio e colocada em forma de versos. Tomando falas de outros autores como Preciado, a autora justapõe questões referentes ao corpo e à identidade, e de como a linguagem é não só mecanismo utilizado para se delimitar as barreiras do corpo, mas também, como pode ser usada para expandir essas margens e reeditá-las. Isso se dá a partir dos poemas seguintes que, diferentemente de utilizar novamente uma construção pela logicidade (por intermédio de perguntas e respostas, como numa dialética que trará um ponto comum final), será feita por Féres se embrenhando em memórias de infância, em situações do cotidiano, ou em diálogos que resultarão em alguma quebra na maneira de ver o corpo. Veja, com isso a autora não busca se eximir da discussão ou centrá-la apenas na sua experiência própria mas, a partir dela, situar-se no debate e ilustrar pequenas violências da normatividade de gênero. É um recorte que a autora faz, sabendo de suas possíveis interligações.

O projeto gráfico do livro, realizado por Laura Daviña, intercala poemas e ilustrações, que ressoam a primeira vista simples mas que, com a devida atenção, completam muito bem o livro: afinal, o que um pequeno conjunto de linhas poderia expressar? Será que a lógica por trás seria de representar um corpo? Esse vértice do corpo ilustrado é uma axila, uma virilha, as asas das costas? As ilustrações de cabides, também criando vértices, incitariam a mesma noção de troca de roupa que as partes dos corpos podem trazer se reeditadas da mesma maneira?

Claramente a noção de corpo apresentada por Féres não é tão radical quanto a de Antonin Artaud²⁰, por exemplo, já que se tratam de corpos diferentes e com sensibilidades que se inclinam a pontos diferentes; no entanto, a necessidade de uma readequação do corpo existe e em oposição a um binarismo: Féres com o binarismo de gênero; Artaud com as ciências e as naturezas. Ainda, age de maneira diferente em comparação a Paul Preciado²¹, que se embrenha no trânsito natural/artificial.

Pode-se pensar que essas diferenças se dão, obviamente, pelos corpos serem bem diferentes; todavia, a especificidade de Féres não está apenas no fato de ser uma autora lésbica de poesia contemporânea; mas sim, na leveza com que toma as memórias, liga-as a episódios de abuso sobre corpos femininos de expressão mais masculina, e não parte para uma neutralidade do corpo; ou uma humanização do corpo (coisa que Artaud e Preciado também não fazem também), nem sequer parte para uma constituição de corpo puramente fisiológica ou experimental cheia de extensões: Féres foca nas violências sutis, nos insultos em filas de banheiro, nas brincadeiras de criança, na vestimenta, nos adereços que a forçam usar. Féres não vai puramente às violências das ciências, mas centraliza o livro nas violências do discurso, no processo de poda da identidade, no momento em que se põe margens identitárias em alguém, que não sabe bem como reagir às intromissões das inscrições. É um processo metonímico: Féres fala de como é cercada pela articulação da linguagem para falar de como outras mulheres são também cercadas (“Veja, estamos lidando com armadilhas discursivas”, diz no primeiro poema).²²

Claro que, ao se puxar memórias, críticas às ciências também surgem, como no poema / MOTIVOS PELOS QUAIS DESCONFIO DA PSICÓLOGA /, em que explicita a “confusão” das ciências em se falar de sexualidade e gênero, violência essa que sempre retoma em formas discursivas diversas que buscam puxar Féres em direção ao enquadramento feminino tido como

²⁰ Antonin Artaud escreve tendo uma noção de corpo fisiológica, hipersensível, em que há a ruína do pensamento (ou um novo uso dele, que permita ao Si sentir mais), focando em noções como drogas, excrementos, reordenação corporal e outros movimentos que não os biologizantes. Artaud é um dos autores que mais escreveu sobre o corpo.

²¹ Em seu *Manifesto Contrassexual*, publicado no Brasil pela editora n-1, Preciado propõe um novo corpo por intermédio de extensões, não como enxertos, mas como possibilidades de se repensar a performance, tomando como exemplo a extensão por dildos nas extremidades. Isso é feito para se pensar uma nova relação sexual que não a pautada puramente pelo falo, além de buscar quebrar noções de sexo enquanto algo inescapável, como se fosse não fosse algo puramente discursivo como o gênero. Aqui, o corpo de carne e osso não é suficiente, e não haveria porque repreendê-lo quando buscasse novas formas de se estender, tanto que há livros outros de Preciado que abordam o uso de artifícios e ferramentas para se remodelar a materialidade corporal (*Testo Junkie* por exemplo)

²² Tomo essa noção sabendo, também, de como Preciado articula suas teorias: há no autor apontamentos do discurso também, contudo, Preciado dá um passo além, não só por ser uma pessoa trans, mas por propor uma nova linguagem, um novo discurso, uma nova maneira de se pensar. Féres trabalha no recorte e na territorialização dessas violências.

normal e comum, de “lingerie vermelha”, “vestido verde e rosa” e “colares de pérolas” (esses textos citacionais de repetição sobre o padrão comportamental de gênero vêm da boca de familiares, psicóloga, namoradas, e demais pessoas). As pérolas funcionam muito bem no poema em que surgem, dando uma das melhores imagens do livro (“saía de casa como um homem de colar de pérolas), não por centralizar a voz que fala no livro exclusivamente como alguém cujas bordas são sempre aparadas, sendo colocada em situações desconfortáveis (isso seria resumir Féres e suas experiências à violência, criando um tipo de personagem que funciona apenas como vítima passível); mas por sabermos que, a voz no poema sabe de sua situação desde pequena e que, agora, pode dizer sobre, reavaliar o que aconteceu, apontar-nos as violências no imaginário coletivo (como no poema em que se fala de AIDS), e dizer-nos como ela agiu, para que vejamos uma saída e, assim, criemos algo a partir daí. É ver a tecitura de um texto para tecer outro.

9 - MINISEÇÃO: QUAL A ORIGEM DO CORPO

É de se pensar, ao ler a dissertação, que há uma certa recusa de toda a história do Ocidente, não só no que tange às construções ideológicas e culturais, mas o que foi posto enquanto natural (em contraponto ao artificial). Ora, essa noção de recusa está sim correta, mas ela não é tão abrupta e não nega tudo. O preceito de criticar, questionar essa herança das ciências e de princípios não parte de uma birra ou, ainda, de uma autoescalação filosófica forçada pela qual as pessoas que questionam a cultura estariam se colocando como superiores, em comparação a outras pessoas. Críticas a movimentos anteriores sempre existiram, mas não aos pontos basilares do Ocidente, como o preceito de origem, por exemplo, geralmente interpretado em seu caráter biológico ou religioso judaico-cristão. No entanto, tem-se que apontar os efeitos desses postulados, dessa estrutura fundante, seus efeitos, e o que haveria de “natural” nisso tudo, o que seria o “já dado” do mundo, apenas enchertado depois pelas civilizações (ou ainda, aprimorado pela técnica e pelo homem).

Viu-se uma contestação, uma busca da “subversão do cânone” por vias do movimento ciborgue, de Donna Haraway, pela análise de noções já cristalizadas das ideias de orgânico, de artificial, de humano e de máquina, buscando-se uma mescla dessas antíteses a partir da negação de preceitos anteriores, basilares na história (Haraway faz essa dissecação a partir da biologia, sua área de formação, por conhecer o recenseamento hierárquico que privilegia o natural quando se volta o olhar em análises de objetos – em contraposição ao Eu-Sujeito – concebidos como primordiais). Isso diz respeito também às origens, uma vez que se põe em debate o nascimento do humano, a partir do momento em que este foi dado à luz ou nomeado: a (re)produção é o motor da vida humana atualmente, ou já o foi e não é mais? O que separaria as noções biologizantes, “naturais” e “certas” da proposta de Haraway, seria esse questionamento do prefixo re-? O humano se marca apenas por isso, por esse movimento de combinação e troca genética, ou pelo seu uso da linguagem? Mais ainda, pela maneira sofisticada de categorizar o mundo, não necessariamente pelo uso da linguagem, mas pela maneira sofisticada de se usar um dos movimentos de linguagem?

O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior. Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma ‘narrativa de origem’, no sentido ocidental, o que constitui uma ironia ‘final’ (HARAWAY, p. 38, grifo meu)

Isso é evocado, ainda, por Bento (2006), ao tratar da memória. Atualmente, poder-se-ia criticar o senso de uma memória coletiva (como o faz Susan Sontag a partir dos estudos sobre registro e memória em períodos de guerra) ou ainda, de um genitivo comum, um genitivo-coletivo mediante a aceitação de uma origem, evento, episódio, recorte, pelo qual o todos os indivíduos teriam laços – esse seria o papel do mito – sendo depois interpretados: “Porém, como salientou Ecléa Bosi (1998:411), por muito que se deva à memória coletiva, pois é ela que dá o sentido de pertencimento, temos de considerar que ela sofre com as mudanças de seus membros e, embora tenha um lastro comum, cada membro a interioriza de uma forma singular” (pág. 168). O ciborgue, ou ainda, o *corpus*, a excrição, jamais aceitaria uma mitologia já dada, já postulada, sobre a qual se interpretaria – isso é ir além de uma simples recepção depois absorvida, abraçando a radicalidade que não necessariamente se prontifica a uma falta de gênese, mas pelo fim do trato comum que abriria o leque de atuações –. O trabalho com o Outro se dá pela linguagem virtual, pela sensibilidade, pelos gestos; não havendo apenas um deslocamento do relembrar e do trabalhar em cima do assentamento. Tem de se questionar o ato de relembrar, de construção de memória, já que “Relembrar é um ato interpretativo, no qual o sujeito atualiza uma leitura sobre o passado e as lembranças são matizadas pelas condições do presente” (BENTO, p. 167).

Qual seria a origem de um corpo trans, então? Como que se pode dar a esse corpo, marcado em sua pós-identidade (ou ainda, se se forçar, em seu pós-corpo), um genitivo-coletivo memorialístico pelo qual ele se vincula, biológica ou religiosamente? Não se quer negar a biologia com essas questões, afinal, muito se precisa dessa ciência no que concerne à saúde pública e às transformações corporais (quando desejadas); ou ainda, não há a vontade de derrubar qualquer vínculo do corpo com o sagrado (Nancy aborda isso muito bem pela sua análise da transmutação do corpo pelo *hoc est enim corpus meum*); mas sim, buscar marcar

que não há uma origem que englobe todos os entes, quanto mais entes dissidentes, tão próximos em sua excrção relacional e ética que parte antes de um coletivo horizontal, não de uma anterioridade vertical.

Mas que poética, qual linguagem, alguém sem o vínculo lógico e certo da linguagem poderia produzir? Algo mais micelial em vez de interno/externo seria o movimento decorrente? Alguém que desaprendeu a língua materna (a saber, o idioma do cuidado, da afecção, que nada tem a ver com maternidade, mas com o não-percurso assimilativo posterior que, em sua temporalidade, cria unidades e barreiras) ao entrar em contato com a língua *pater*, embrenhou-se no simbólico do idioma e, agora, não se encaixa em qualquer lugar originário, não se escrevendo pela linguagem se não pelo posicionamento de dissidente. Como usar da linguagem para não só dar conta de suas disrupções e deslocamentos, mas de sua falta de origem? “Not belonging to any place, any time, any love. A lost origin, the impossibility to take root, a rummaging memory, the present in abeyance” (KRISTEVA, p.7).

A importância de trazer do conceito de origem se faz na medida em que, a partir de sua crítica, torna-se inescapável o ato de repensar aspectos como herança, corpo, e as marcas que constroem morada nestes corpos, tendo eles função ou não. Marcas que, repensadas por FELMAN (2012) a partir de todo um universo cujo signo linguístico “umbigo” traz (a partir dos questionamentos feitos por Freud em suas interpretações de sonhos), podem refazer, agora, pelo desconhecimento da cicatriz deixada pelo umbigo, novas noções sobre ligações e nascimento. Quais ligações pode um corpo Abjeto ter? O umbigo é sua única cicatriz? Pode, esse corpo, produzir novas cicatrizes como resposta a esse rompimento com a figura da mãe? Artaud cita *L’Angoisse qui lèse la vie/L’Angoisse qui pince la corde ombilicale de la vie*²³ e, aqui, elenca-se a urgência da fuga dessa origem pensada e repensada enquanto vínculo inescapável da figura materna (quando se pauta na biologia da gestação) ou, ainda, do ligamento íntimo de um corpo do Outro que só se faça por intermédio da gestação, por intermédio do sangue, por tomada do cordão umbilical como parâmetro da vida primeiro e último. Tomar esse nó do cordão umbilical a partir das mãos de De Man que “em contraste [a Freud], insiste na descontinuidade que interrompe a continuidade, na desconexão da conexão: ‘o umbigo é um nó que corta, e como tal, mais filosófico que analítico.’”²⁴ mostra-se crucial no campo ético. O que resta nesse jogo ético de excrita é a maleabilidade das

²³ ARTAUD. idem, p. 23

²⁴ FELMAN. idem, p. 40

palavras e das sensibilidades, a criação de um “corpo glorioso”: “O corpo glorioso é: ou a transfiguração do corpo extenso, ou a própria extensão, a figuração na plasticidade do barro (NANCY, p. 62).

10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio do que foi apresentado, evidencia-se não só o fervor das discussões sobre corpo, que ainda preenchem o campo filosófico, político e pós-identitário, como também se pode aferir uma certa impossibilidade de dizer acerca da completude do corpo, indo na contramão de muitos preceitos ontológico, como da *res extensa* de Descartes, que encapsula o corpo em suas fronteiras. Junto a isso, elencou-se alguns poemas contemporâneos escritos por pessoas da comunidade T, com o objetivo de pontuar acerca da edição de corpo e como que essa questão, tão importante dentro da comunidade, e que poderia não só trazer luz a algumas elucidações pós-identitárias; como também, ajudar em uma reformulação do papel da escrita (ou melhor ainda, da excrita).

A indizibilidade do corpo, a saber, a não-possibilidade de conceituá-lo ou definí-lo mediante um único critério (geralmente pendendo ou para o empirismo ou para o idealismo); além da importância da linguagem ao longo do percurso Ocidental no papel de vigília sobre o corpo, serve não para expandir as noções sobre corpo ao ponto de torná-lo inacessível. A importância desses textos, organizados e comentados, dá-se pela maneira com que o corpo, perdendo seus tidos princípios biologizantes e culturais, possa ser colocado não em xeque; mas em debate. Nisso, Felman (2012) se baseia em Freud e o sonho de Irma que o psicanalista analisa em seu livro *A Interpretação dos Sonhos* para discorrer sobre o nó da origem do corpo e, conseqüentemente, da abertura que essa impossibilidade de dizê-lo traz:

Quase do mesmo modo que se pode dizer que o sonho de Freud fala do nó na garganta – um nó de dor – de Irma, a resposta de De Man, por sua vez, me remete – com empatia, desafio e paradoxo – ao nível do corpo: do corpo como ponto cego de um nó de dor existencial que faz escrever apenas para falar de sua própria indizibilidade; ao nível das entranhas de um nó de dor que enoda, de uma só vez, o dom de sua compreensão e o resíduo de sua incompreensibilidade (p. 37)

Note-se a radicalidade dessa concepção de que, junto ao corpo, há essa negatividade de um princípio – ou de uma origem –, que o abriria a jogos de edição mediante a alteridade e a outridade a partir de acessos ocorridos graças aos afetos e percepções (ou ainda, aos gestos, como postulado por Merleau-Pontu em sua *Fenomenologia da Percepção*): “Os gestos, portanto, não são oferecidos deliberadamente ao espectador como uma coisa a ser assimilada; eles são retomados por um ato de compreensão, cujo fundamento nos remete à situação em que o sujeitos da comunicação – eu e o outro – estão mutuamente envolvidos em uma relação de troca de intenções e gestos” (FURLAN, BOCCHI; p. 448).

Caso se insira o corpo e sua inscrição dentro do campo estético para tessitura de análises, essas negatividades e inapreensibilidades seriam bem compreendidas enquanto mote teórico e prático, salientadas por Agamben, por exemplo, que as compreende como “[...] bem mais precioso do estético” (OLIVEIRA, p. 154). Ou ainda, tomar o inconsciente estético de Rancière que, em contraponto às noções modernas de estética propostas por autores como Hegel, trata de uma polaridade (nota-se, polaridade não antitética, mas que funciona em circuito), na qual a arte se manifesta pela palavra muda:

“[...] de um lado, a palavra escrita nos corpos, que deve ser restituída à sua significação languageira por um trabalho de decifração e de reescrita; do outro, a palavra surda, [...] à qual é preciso dar uma voz e um corpo, mesmo que essa voz anônima e esse corpo fantasmagórico arrastem o sujeito humano para o caminho da grande renúncia...” (RANCIÈRE, p. 41)

Essa “palavra solilóquio”, essa inscrição que não só traz a experiência à tona, mas que a produz em certa medida em transporte pelas percepções, é o que se buscou assinalar aqui; essa excrissão em que, cada vez mais, o Sujeito fechado se deteriora, fechado, e dê lugar à vazão de corpos interconectados, com seus espaços cada vez mais em evidência, cindidos, em corte e que, nesses espaçamentos, articulem-se algo além do humanamente viável, algo do impossível, como toda seu espanto e coloração.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Ideia da prosa. *In. Ideia da prosa*; tradução, prefácio e notas de João Barrento. 1.ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016 (FILÔ/AGAMBEN), p. 29-32

_____. Ideia da cesura. *In. Ideia da prosa*; tradução, prefácio e notas de João Barrento. 1.ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016 (FILÔ/AGAMBEN), p. 33-35

_____. Ideia da verdade. *In. Ideia da prosa*; tradução, prefácio e notas de João Barrento. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016 (FILÔ, AGAMBEN), p. 45-47

ANDRADE, Mariangela. Escrever, amar, morrer. *In. EYBEN, Piero, Poéticas políticas: assombros da desconstrução*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2019. p. 156-159)

ARTAUD, Antonin. *L'Ombilic des limbes*, editado pela Bibliothèque Numérique Romande. fev. 2019, p. 14

_____. *O pesa-nervos*. Trad. Joaquim Afonso. Lisboa: Hiena. 1991.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”, *In. LOURO, Guacira Lopes, O corpo educado: pedagogias da sexualidade*; trad. Tomaz Tadeu. 4ª.ed., 4ª.reim. Belo Horizonte: Autêntica, 2022 (Argos).

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix, *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: editora 34, 1996, p. 9-10

CARSON, Anne. The Gender of Sound. *In. Glass, irony and God: introduction by Guy Davenport*. New York: 1995 (p. 119-137)

CAVALCANTE, Francisco. Antonin Artaud e o corpo sem órgãos como corpo de escrita. *In. EYBEN, Piero, Poéticas políticas: assombros da desconstrução*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2019. p. 236-242)

FELMAN, Shoshana. **Sobrevivência Postal, ou a Questão do Umbigo**. Rio de Janeiro: Terceira Margem, n° 26, 2012, p. 17-44

FÉRES, Letícia. **Experiências sobre editar um corpo**. Ilustrações: Laura Davina. Rio de Janeiro: Editora Garupa, 2020

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1, 2013, p. 14

FURLAN, Reinando; BOCCHI, J. C. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. *In: Estudos de Psicologia*. São Paulo: USP. 2003, 8(3), 445-450

HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 1.ed. org. Tomaz Tadeu. Brasil: Editora; 2013(coleção Mímo)

hooks, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. *In*. LOURO, Guacira Lopes, **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**; trad. Tomaz Tadeu. 4ª.ed., 4ª.reim. Belo Horizonte: Autêntica, 2022 (Argos).

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano**; tradução de Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KRISTEVA, Julia. **Strangers to Ourselves**. Traduzido por Leon S. Roudiez. Nova Iorque: Columbia University Press. 1991

LAGAZZI, Suzy. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **Corpo e Audiovisual: Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 104-110, 2013

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. rev. amp.; 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Argos)

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo: feminismos plurais**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NANCY, Jean-Luc. **Corpus**, trad. de Tomás Maia. 1. ed. Lisboa: Veja, Limitada, 2000

NÓBREGA, Tom. [poema sem título]. n. 3; vol. 5. São Paulo: Revista Rosa; 2022

NELSON, Maggie. **Argonautas**, trad. de Rogério Bettoni. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022 (coleção Argos)

PANAMBY, Elton. Encarnadu . *In. corpo_ateliê de futuridades trans.* 2021, p. 10-13

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrasexual**, trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1, 2014.

_____. **Transfeminismo**. São Paulo: N-1.org, 2018 (série Pandemia)

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero; tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não-cafetinada. 2. ed. Brasil: editora n-1, 2019

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**; tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009. 80p.

RAUEN, Margarida Gandara. Poética participativas e a escritura da escritura *in progress*. *In. EYBEN, Piero; GOMES, André Luís. Acontecimentos e experiências limites*. Vol. 1, n. 1. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 1992. Revista Cerrados: revista do programa de pós-graduação em literatura, 2012

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2003

TECRUZI, Alex et al. **Antologia Trans**: 30 poetas trans, travestis e não-binários. 1ª reimp. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017.